



**CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

GILMARA SILVA DOS SANTOS

**DESAFIOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NO CONTEXTO DA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA: um estudo comparativo entre escolas parceiras do Centro de
Humanidades - UEPB**

**GUARABIRA/PB
2019**

GILMARA SILVA DOS SANTOS

**DESAFIOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NO CONTEXTO DA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA: um estudo comparativo entre escolas parceiras do Centro de
Humanidades - UEPB**

Trabalho de conclusão de Curso (Monografia)
apresentado como requisito obrigatório para a
obtenção do título de graduada em Geografia,
pela Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, Campus III.

Linha de Pesquisa: Metodologia de ensino em
Geografia (fundamental e médio)

Orientador: Prof. Luiz Arthur Pereira Saraiva

GUARABIRA/PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237d Santos, Gilmara Silva dos.

Desafios da educação geográfica no contexto da residência pedagógica [manuscrito] : um estudo comparativo entre escolas parceiras do Centro de Humanidades - UEPB / Gilmara Silva dos Santos. - 2019.

75 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Geografia. 2. Educação Geográfica. 3. Residência Pedagógica. I. Título

21. ed. CDD 910

GILMARA SILVA DOS SANTOS

**DESAFIOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NO CONTEXTO DA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA: um estudo comparativo entre escolas parceiras do Centro de
Humanidades - UEPB**

Trabalho de conclusão de Curso (Monografia)
apresentado como requisito obrigatório para a
obtenção do título de graduada em Geografia,
pela Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, Campus III.

Linha de Pesquisa: Metodologia de ensino em
Geografia (fundamental e médio)

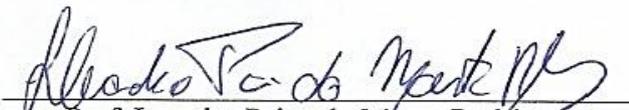
Orientador: Prof. Luiz Arthur Pereira Saraiva

Aprovada em: 25/11/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Luiz Arthur Pereira Saraiva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profª. Mônica de Rátima Silva Cavalcante Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Leandro Paiva do Monte Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao excelentíssimo e majestoso Deus!
Merecedor de toda honra, glória, louvor e
adoração. A Ele tudo o que sou e o que
tenho. Ao Dono de toda sabedoria e do
conhecimento. Ao Deus que me capacitou.
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, dedico tudo o que tenho e o que sou: se cheguei até aqui foi porque o Senhor me capacitou. Só a Ele rendo graças, louvores e toda minha adoração. Só Ele é o sustentáculo da minha vida! Continuamente tenho colocado diante dEle a minha história, na qual, por muitas, vezes desanimei, pensei em desistir e me senti incapaz, mas Ele provou sua fidelidade para comigo realizando em mim os seus sonhos e estando comigo desde o ventre de minha mãe. A minha gratidão ao Eterno Deus jamais poderá ser expressa em palavras, assim posso dizer que até aqui me ajudou o Senhor!

Sou grata a Deus mais uma vez pelo presente que Ele me deu, meu esposo Willian Cardoso, o amor da minha vida, meu companheiro e melhor amigo, no qual me ajudou se tornar uma pessoa melhor. Sou grata a ele por toda compreensão, ajuda, intercessão e ombro amigo. Sou grata por acreditar em mim quando eu mesma não acreditei. Sem seu apoio e palavras de ânimo esse trabalho não teria conclusão. Você me trouxe mais alegria e esperança de um futuro abençoado e cheio da presença de Deus. Ao seu lado sei que podemos conquistar todos os nossos sonhos. Não consigo enxergar minha vida sem você e, se existe alguém que quer me ver crescer, esse alguém é você! Parte de quem sou hoje, devo à ti. Te admiro demais e te amo eternamente!

Sou grata à minha mãe Maria das Dores e meu pai João de Deus por tudo! Suas vidas me trouxeram a vida, agradeço por toda palavra de ânimo, por todo carinho e amor para comigo, como diz minha mãe, “a gente só não pode desistir, mesmo torto e sem saber fazer a gente faz”. Eles são o meu orgulho! Meus heróis! São exemplos para mim! Proporcionando a nossa família o melhor que puderam, mesmo em condições difíceis. Palavras nunca serão o suficiente para agradecer pela vida deles na minha, e nada do que faça poderá se comparar com o que já fizeram e fazem por mim. Os amo com todo meu ser!

Agradeço a todos os meus irmãos; André, Alexandre, Graças, Simone, Cláudia e Isaias que foi minha inspiração e incentivador ao cursar Geografia, vocês e meus sobrinhos fazem da minha vida mais feliz, eu amo cada um e sou feliz demais por ter vocês. Em especial, devo gratidão a minha irmã Simone e meu cunhado Adriano, palavras serão insuficientes para agradecer por sempre me ajudarem, fizeram o papel

de “segundos pais”, um dia quem sabe poderei recompensar de alguma forma tudo que já fizeram por mim, vocês, assim como meu irmão Isaias, minha cunhada Gislaine, minha irmã Cláudia e meu cunhado Rogério cederam um lugar de suas casas para morar enquanto estudava, a eles também minha eterna gratidão. Cada um possui um “pedacinho” da minha conquista. Vocês são uma família exemplo! Peço a Deus que retribua tudo o que fizeram por mim!

Ao meu orientador Luiz Arthur devo minha eterna gratidão! Lembro-me de todas as vezes que o recorri para pedir ajuda em meus escritos e leituras, muitas vezes chorei, desabafei e depois ficava pensando “que vergonha chorar em sua frente”. Por mais que aparentemente mostrasse um jeito de “durão”, enxergava e enxergo nele um profissional e ser humano incrível! Além de um professor espetacular, sabe ser humano e compreensível, apesar de “puxar a orelha” na hora devida. Não é psicólogo, porém, me fez encontrar respostas dentro de mim e me mostrou a direção certa a seguir, pois como dizem, “psicólogos não são conselheiros, apenas nos ajudam à encontrar respostas as quais nós mesmos já sabemos, só não conseguimos encontrá-las”. Confesso que o escolhi como orientador mesmo com medo e receio de não conseguir superar suas expectativas ao meu respeito, isso pelo fato de considera-lo um dos melhores professores que já conheci, e não está em sua “altura”, porém, um bom professor enxerga o nosso melhor quando nem mesmo enxergamos, vê nossa capacidade e nos faz encontrar esse melhor dentro de nós, e você Luiz, me ajudou a buscar o meu melhor. Te peço desculpas por dar trabalho e te agradeço de coração!

A todas as minhas amigas as quais não poderei citar todos os nomes, agradeço por todo carinho e companheirismo. Em especial, às minhas melhores amigas, Liliane Costa e Quézia Ellen por todo tempo dedicado a nossa amizade, por estarem comigo nos momentos difíceis e por serem pessoas em que posso confiar. Vocês são presente de Deus em minha vida! Estou torcendo pelo sucesso de cada uma e sei que vão conquistar o melhor de Deus.

A minha turma 2015.1, que levarei em meu coração! Foram muitos anos de aprendizado e experiências maravilhosas, desejo todo sucesso do mundo a cada um. Em especial, sou grata aos meus amigos e amigas do curso: Thays, Josineide, Cristina, Junior Dial e Francinalda, pessoas que sinto muito apreço e desejo toda felicidade. Sentirei muita falta de vocês, a vocês devo minha gratidão por toda ajuda, companheirismo e momentos de alegria no Campus. Não posso deixar de falar da

minha amiga de longas datas e companheira de TCC, Francinalda! Te admiro demais menina! Quero ser como você quando crescer! Risos...Te desejo todo sucesso do mundo! Sei que você vai conseguir chegar onde desejas. Te agradeço por me ajudar ao longo do curso e nessa reta final. Ficaram na memória nossos “desesperos” e momentos de alegria.

À Universidade Estadual da Paraíba Campus III, sou grata pela oportunidade, pelos ensinamentos, por ter sido uma ponte para a realização dessa conquista e a todos os funcionários. Sou muito grata os meus mestres e doutores da Geografia, cada um tem a minha admiração. Em especial ao professor Carlos Belarmino, Belarmino Mariano, Michelle, Juliana Leopodino, Wilma Guedes e Fábio Dantas.

À banca examinadora, que possui minha gratidão! À professora Mônica, trouxe marcantes aulas de didática e contribuições indispensáveis a minha formação, suas aulas foram inspirações, me despertaram à docência. Quero ser uma professora parecida com você, Mônica! Ao professor Leandro Paiva, por todos os ensinamentos, pelas aulas proveitosas, por me proporcionar uma docência enriquecedora com os conhecimentos construídos a partir de suas aulas. Obrigada por todo apoio e compromisso! Você está entre os professores que me inspiram! Te admiro!

Ao Programa Residência Pedagógica (CAPES) devo minha gratidão, foi uma oportunidade de prática docente e experiência adquirida, assim como as professoras preceptoras em especial à Juliene Fernandes, que me deu valiosas dicas ao longo do ano letivo e me proporcionou uma oportunidade mais prática para construir em mim a identidade docente, você é uma excelente professora! Te admiro muito! Por fim, agradeço aos residentes por contribuem para que esse trabalho fosse realizado com sucesso. Minhas últimas palavras são de GRATIDÃO! Gratidão a todos que diretamente ou indiretamente fizeram parte dessa conquista!

TÍTULO: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NO CONTEXTO DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: um estudo comparativo entre escolas parceiras do Centro de Humanidades - UEPB

AUTORA: Gilmara Silva dos Santos (DG/CH/UEPB)

LINHA DE PESQUISA: Metodologia de ensino de Geografia (fundamental e médio)

ORIENTADOR: Prof. Luiz Arthur Pereira Saraiva (DG/CH/UEPB)

BANCA EXAMINADORA: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (DG/CH/UEPB) e Profa. Mônica de Fátima Silva Cavalcante Pereira (DE/CH /UEPB)

RESUMO

Sabemos que a educação geográfica enfrentou processos, modificações e desafios ao longo dos tempos. Na contemporaneidade, os docentes de geografia também enfrentam desafios mediante o ensino-aprendizagem. Desta forma, a pesquisa objetiva discutir a educação geográfica mediante os desafios presentes na geografia escolar e na prática docente, tendo por base um estudo comparativo das escolas trabalhadas pelos residentes e preceptoras da Residência Pedagógica de Geografia do Campus III da Universidade Estadual da Paraíba. Especificamente, fazer uma abordagem sobre a Geografia e seus desafios como disciplina escolar, trazer reflexões concernentes à Residência Pedagógica, Estágio Supervisionado, à BNCC, o papel do professor e da escola na construção do conhecimento e expor os desafios vivenciados pelos participantes da Residência Pedagógica. A escolha do tema se deu a partir da nossa experiência no programa em que percebemos a importância de conhecermos esses desafios oriundos de nossa própria vivência antes do término do curso e não apenas por experiência dos outros. O trabalho se utilizou do método materialista histórico dialético e seu procedimento metodológico parte de autores como Andrade (2008), Callai (2011), Manfio (2016), Cardoso (2016) e Maylsz (2011); posteriormente, se tem a análise dos dados através de um questionário com os residentes das escolas. O trabalho conta com uma abordagem qualitativa, tratando-se de um estudo de caso nas escolas Centro Educacional Osmar de Aquino, Guarabira/PB e Escola Municipal José Tomaz de Aquino, Cuitegi/PB. A pesquisa possui relevância para a sociedade contemporânea, que reflete diante da conjuntura educacional e procura melhorias. Os resultados da pesquisa além de demonstrar a importância do referido programa para a formação dos residentes de ambas escolas, apresenta os desafios mediante suas práticas docentes.

Palavras-chave: Geografia, Educação geográfica, Residência Pedagógica

043 - Full degree in geography

TITLE: GEOGRAPHICAL EDUCATION CHALLENGES IN THE CONTEXT FROM PEDAGOGICAL RESIDENCY: a comparative study between partner schools from Humanities Center – UFPB

AUTHOR: Gilmara Silva dos Santos (DG/CH/UEPB)

RESEARCH LINE: Geography teaching methodology (elementary and high school)

ADVISOR: Prof. Luiz Arthur Pereira Saraiva (DG/CH/UEPB)

EXAMINATION COMMISSION: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (DG/CH/UEPB) e Profa. Mônica de Fátima Silva Cavalcante Pereira (DE/CH /UEPB)

ABSTRACT

We know that Geographical education had faced processes, modifications and challenges for long years. In the contemporaneity Geography, lectures had faced challenges too upon teaching-learning. This way, the objective research, shows geographical educations challenges in the school and teaching practice being based a comparative analysis about two schools which had been worked by residents and preceptors from Geography Pedagogical residency from campus III of state Paraíba University. Specifically makes an approach about geography and their challenges as school discipline, brings pertaining reflections the pedagogical residency from supervised practice, bncc the role of the teacher and schools in the education, and show challenges lived by pedagogical residency participants. The choose of subject has been done as of our experience where we could see the importance of know this challenges originating from our experiences before end of the course and not by experiences by another people. The work has used dialectical historical materialism methodology and their methodological procedure half of authors as Andrade (2008), Callai (2011), Manfio (2016), Cardoso; Queiroz (2016) and Maylsz (2011); later, if there is analysis of date through a questionnaire with schools residents. The research there is a qualitative approach, mean about a study of case in schools. Centro Educacional Osmar de Aquino, Guarabira/PB e Escola Municipal José Tomaz de Aquino, Cuitégi/PB. The research there is relevance for contemporary society, that reflects upon educational conjuncture and look for improvements. Research results proves the importance of that programme to training residents from both schools, shows challenges through their lectures practices.

Keywords: Geography, Geographical education, Pedagogical Residency.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Residentes e alunos da escola em Cuitegi/PB	50
Imagem 2 - Jogo da velha geográfico.....	55
Imagem 3 - Apresentação de Palitoches.....	55
Imagem 4 - Bingo geográfico.....	55
Imagem 5 - Preceptora e residentes.....	55
Imagem 6 - Residentes de Guarabira/PB.....	55
Imagem 7 - Dinâmica a caça as perguntas.....	56
Imagem 8 - Dinâmica a caça as perguntas.....	66
Imagem 9 - Confeções de climogramas.....	77
Imagem10 - Maquetes dos tipos de vegetação.....	44
Imagem11 - Atividades das regiões do Brasil.....	77
Imagem12 - Cartazes das vegetações do mundo.....	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGB	Associação de Geógrafos Brasileiros
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil
FFLCH/ USP	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
IES	Instituto Superior de Educação Ivoiti
PNE	Plano Nacional de Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CAPÍTULO 1 – DESAFIOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA	19
3	1.1 Uma abordagem sobre a geografia.....	19
4	1.2 A escola, o professor, a geografia e suas dificuldades.....	26
5	CAPITULO 2 – REFLEXÕES À CERCA DO ENSINO ESCOLAR	35
6	2.1 Sobre a Residência Pedagógica e o Estágio Supervisionado.....	35
7	2.2 A BNCC e a educação geográfica, o papel do professor e da escola na educação básica.....	42
8	CAPÍTULO 3 – COMPARAÇÃO RNTRE A PRÁTICA DAS 2 ESCOLAS	52
9	3.1 Escola Municipal José Tomás de Aquino, Cuitegi/PB.....	54
10	3.2 Cento Educacional Osmar de Aquino. Guarabira/PB.....	60
11	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
12	REFERÊNCIAS	70
13	APÊNDICE	74

INTRODUÇÃO

Quando falamos em educação, logo pensamos na conjuntura educacional brasileira, quais desafios tem enfrentado e como ocorreram as modificações ao longo dos tempos, isso inclui falar também sobre a educação geográfica, que ao longo dos tempos enfrentara processos no qual Andrade (2008) aborda que, com a revolução de 1930, os avanços nas reflexões e estudos geográficos aumentaram com início dos estudos da geografia nas universidades, onde iniciou-se também o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística - IBGE, o estudo da geografia estruturou-se, mas suas modificações não acabaram por aí, desde então enfrentou longos debates seguidas de diversas linhas de pensamentos, estudiosos contribuíram de maneira ímpar para que a geografia chegasse ao que conhecemos na contemporaneidade, e é pensando nessa geografia que queremos abordar.

Em meio às mudanças no contexto educacional brasileiro, a escola e a sociedade exigem dos docentes melhores metodologias para lidarem com alunos e suas realidades individuais que, por vezes, são realidades que se distinguem umas das outras e, para alguns professores, constituem-se em desafio. Além disso, precisam tornar efetiva a tentativa constante de como fazer uma aula diferenciada, como também, fazer a relação entre os conteúdos geográficos com o contexto dos alunos, ou seja, “construir uma ponte” para compreenderem o vínculo da disciplina com a vida deles.

Entretanto, quando se fala nos desafios da educação geográfica na contemporaneidade, não podemos deixar de abordar os já enfrentados. O percurso da ciência geográfica foi longo e não falamos apenas do percurso de uma ciência, mas de um conhecimento que, em suas fases demonstram a realidade social de cada época, suas transformações espaciais, socioculturais e educacionais. Desta forma, nessa pesquisa podemos refletir: quais desafios a ciência geográfica tem enfrentado ao longo dos tempos? De que maneira a escola e o professor atuam diante da construção do conhecimento geográfico? Como estudantes de licenciatura plena em geografia é importante conhecer esses desafios antes do término do curso? E qual a relevância de programas como a Residência Pedagógica na formação de professores?

Sabemos que já existem diversos trabalhos acadêmicos a respeito do saber geográfico e da prática docente. É nessa perspectiva que queremos apresentar a pesquisa: no âmbito dos desafios cotidianos dos professores de geografia, como os docentes lidam com situações habituais no ambiente escolar? Pensando nisso, refletimos a respeito do cenário educacional de duas escolas inseridas na Residência Pedagógica de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba/Campus III. São elas o Centro Educacional Osmar de Aquino em Guarabira/PB e a Escola Municipal José Tomaz de Aquino, Cuitegí/PB, situadas no Agreste paraibano do Nordeste brasileiro.

Esta pesquisa possui o objetivo discutir a educação geográfica mediante os desafios presentes na geografia escolar e na prática docente, tendo por base um estudo comparativo das escolas trabalhadas pelos residentes e preceptoras da Residência Pedagógica de Geografia do Campus III da Universidade Estadual da Paraíba. Especificamente; 1) apontar os desafios na educação geográfica como ciência e disciplina; 2) abordar a importância da prática docente antes do término do curso de licenciatura; 3) expor a relevância do professor e escola na construção do conhecimento e 4) discutir sobre a importância da Residência Pedagógica para a formação docente dos residentes, assim como os desafios que por eles foram vivenciados.

O tema escolhido se deu a partir da nossa experiência no programa, que tem como objetivo uma vivência mais integrante do aluno no espaço escolar antes do término do seu curso. Conversando com nossos colegas participantes do programa, percebemos que muitos questionavam-se à respeito dos desafios que estão enfrentando em suas respectivas escolas e salas de aulas. Ouvimos relatos concernentes ao quanto está sendo desafiante lidar com a falta de recursos didáticos nas suas escolas e como é difícil enfrentar alunos malcomportados. Pensando nisso, refletimos sobre a escola que estamos e comparamos os desafios ouvidos aos que estamos a vivenciar. Ao refletir sobre esse contexto, compreendemos a relevância que programas como a Residência Pedagógica possuem na formação de professores. É importante também ressaltar que cada escola no contexto do referido programa possui realidades e desafios diferenciados e é nessa perspectiva que queremos apresentar uma análise comparativa entre essas escolas.

A pesquisa terá grande relevância para o ensino superior, bem como para o ensino básico, pois alunos enfrentam grandes desafios que, outrora desconhecidos,

mas que passam a ser vivenciados. É importante também para o ensino básico, pois quaisquer docente precisa pensar como esse saber geográfico está sendo construído no ambiente escolar. E, por fim, contribui para o contexto educacional atual, para cidadãos na sociedade que refletem diante da conjuntura educacional procurando mudanças, pois é preciso se pensar na educação como um todo e no quanto podemos melhorar.

Toda pesquisa científica precisa ser fundamentada epistemologicamente, apresentando ideias da pessoa ou grupo que está pesquisando. Por isso, é importante discutirmos o método científico pelo qual a pesquisa se baseou. Sposito (2004) diz que o método é um instrumento intelectual e racional, que possibilita ao pesquisador uma realidade objetiva, onde o investigador faz uma leitura dessa realidade e constrói verdades científicas para sua interpretação. A metodologia analisa a relação entre a teoria empírica com o objeto e sujeito, seus procedimentos e potencialidades.

O presente trabalho se utilizou do método materialista histórico dialético. Através dessa abordagem, podemos compreender a essência para além aparências, as relações contraditórias entre o objeto o sujeito e vice versa. Levamos também em consideração a refutação das opiniões do senso comum diante à diversidade social frente às suas transformações. O materialismo histórico dialético toma a história do objeto como base e, assim, entendemos a relação entre os elementos do seu passado usando-os no futuro em um movimento de transformação, tornando-se dinâmico e contraditório.

O trabalho conta com uma abordagem qualitativa. Segundo Bogdan; Biklen (1994), a pesquisa qualitativa utiliza a observação dos participantes, através desses conteúdos serão produzidos dados qualitativos e informações descritivas, diferentemente da pesquisa quantitativa que se utiliza da estatística para fazerem suas interpretações. Por esses motivos, a escolha de uma pesquisa qualitativa foi desenvolvida a partir de um questionário composto de perguntas abertas com residentes e preceptoras de duas escolas do contexto da Residência Pedagógica de Geografia de Guarabira/PB, 14 residentes e 2 preceptoras distribuídas em duas escolas do Agreste paraibano, Centro Educacional Osmar de Aquino, Guarabira/PB e Escola Municipal José Tomaz de Aquino, Cuitegi/PB.

A pesquisa se estruturara, primeiramente, no referencial teórico de autores preponderantes para o trabalho como Kaercher (2009), Callai (2013), Catrogiovanni

(2013), Passini (2010) e Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009), que discutem o ensino de geografia, a prática docente e desafios educacionais que refletem na educação geográfica, para que, assim, possamos compreender as questões existentes nas escolas do contexto da Residência Pedagógica. Posteriormente, temos a coleta dos dados do questionário com os residentes e preceptoras das escolas, bem como uma análise dos dados adquiridos no campo.

Atualmente, os docentes precisam lidar com um leque de mudanças sociais, políticas e econômicas, sem contar as exigências da escola e da sociedade sobre um ensino de qualidade, fazendo com que a responsabilidade da educação reflita mais no professor que recebe as maiores exigências.

Além do mais, os alunos e alunas da graduação participantes da Residência Pedagógica enfrentam dificuldades ao participarem da prática docente com as preceptoras, trazendo muitas experiências para suas formações e proporcionando uma diferença prática entre a academia e o referido programa. Ao aluno da graduação, os desafios da profissão docente são vivenciados não apenas por experiências dos outros, mas por suas próprias experiências e vivências, preparando-os melhor para suas profissões.

A pesquisa conta com três capítulos. No primeiro, faremos uma abordagem sobre a educação geográfica de forma sucinta, contendo também possíveis desafios enfrentados pelos docentes no contexto escolar de forma a observar como a ciência geográfica está sendo construída no ensino básico. No segundo capítulo, discutiremos sobre a relação entre Residência Pedagógica e Estágio Supervisionado trazendo também reflexões sobre a BNCC, o papel do professor e da escola na formação do aluno. Por fim, teremos o terceiro e último capítulo, onde analisaremos os dados adquiridos em campo com um questionário aplicado na escola de Guarabira/PB e de Cuitegi/PB para um estudo comparativo entre ambas.

CAPÍTULO 1 - DESAFIOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

1.1 Uma abordagem sobre a Geografia

Sabemos que a Geografia, ao longo dos tempos e mediante seus processos, foi constituída por várias correntes de pensamento. Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009) falam que as abordagens do conhecimento geográfico conhecidas na contemporaneidade foram influenciadas pelas correntes do pensamento desde a escola de Vidal La Blache (1845-1918)¹ até o contexto atual, onde muitos teóricos utilizam-se principalmente de correntes do neopositivismo, de correntes humanísticas e psicológicas da geografia da percepção a fenomenologia e pelo materialismo histórico dialético. Os autores supracitados ainda falam que essas correntes de transformações históricas foram contribuintes nessas modificações e processos.

Segundo Corrêa (2008), a Geografia, como ciência social, tem o objeto de estudo da sociedade, ela possui cinco conceitos-chaves referentes à ação humana e que modelam a superfície terrestres, são elas: paisagem, região, espaço, lugar e território. Cada conceito-chave tem sido alvo de grandes debates, no que também envolve pessoas não geógrafas e, nestes debates, os conceitos recebem várias concepções onde cada uma é direcionada a uma corrente de pensamento. Para o autor supracitado, apesar das várias versões da geografia tradicional, esta não deixou de privilegiar os conceitos de paisagem e região. Desde então, surgiram e estabeleceram-se discursões sobre o objeto e identidade da geografia.

Em relação à ciência geográfica, Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009) mostram que, apesar de seu avanço em seus vários ramos, a Geografia deveria ter contribuído mais para o ensino e aprendizagem, e isso não aconteceu devido às alterações e mudanças na sociedade, também pelo fato de suas relações internacionais globalizadas e mundializadas: com a expansão do neoliberalismo, houve interferências no cotidiano social e no cotidiano escolar. Essas transformações exigem, na atualidade, respostas com novos conteúdos e esses conteúdos precisam ser estipulados sob uma nova perspectiva.

¹ CAMPOS, de Rui Ribeiro. VISÃO DE VIDAL DE LA BLACHE A RESPEITO DE FRIEDRICH RATZEL Vidal de La Blache's view of Frederic Ratzel. Uberlândia: Soc. & Nat 2014.

Para Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009), o conhecimento de geografia foi ampliado nas “descobertas marítimas” e apenas no fim do século XVIII conseguiu institucionalizar-se como ciência. Porém, apesar dessa institucionalização, enfrentava dois problemas: o primeiro estava relacionado à sua ligação com a história, pois cumpria o papel apenas de fundamentar fatos históricos. O segundo problema referia-se às relações entre natureza e do homem pois, na época, a Geografia aceitava, de forma quase absoluta, influências do meio biofísico sobre o homem, o que permaneceu mesmo diante do desenvolvimento da Geografia humana e isso gerou muitas discussões entre o século XIX e a primeira metade do século XX.

As autoras supracitadas ainda abordam que Marx² em sua época buscava explicações para a relação entre homem e natureza: Para Marx, o homem transformava o meio ambiente com a rapidez de acúmulo de capitais e não levava em conta os danos através dessas transformações tanto na parte ecológica quanto social. Porém “essa reflexão feita por Marx a respeito da relação entre homem e natureza pouca influência teve sobre os geógrafos das escolas alemã e francesa do século XIX” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 41).

Posteriormente, surgiram as ideias deterministas de Ratzel (1844-1904)³ considerando a influência do meio natural sobre o homem, onde o progresso da humanidade aconteceria com o maior uso de recursos naturais. Nesta época, suas ideias obtiveram grande aceitação. “Seus seguidores construíram a chamada escola determinista de Geografia, considerando que as condições naturais determinam a História ou, ainda, que o homem é um produto do meio” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 42).

Para Corrêa (2008), Ratzel enxerga o espaço como indispensável à vida do ser humano, que encerra as condições de trabalho, sejam elas naturais ou produzidas socialmente. Desde então, o espaço passou a ser um elemento essencial para a história do homem, apesar do espaço não se constituir um conceito-chave na geografia tradicional, por exemplo, nas obras de Ratzel e Hartshorne, ainda que de modo implícito. Ratzel desenvolve conceitos de território que está vinculado à apropriação de um espaço por um determinado grupo, desenvolve também o conceito de espaço vital, no qual traz a ideia da necessidade territorial de uma sociedade que

³ CAMPOS, de Rui Ribeiro. VISÃO DE VIDAL DE LA BLACHE A RESPEITO DE FRIEDRICH RATZEL Vidal de La Blache's view of Frederic Ratzel. Uberlândia: Soc. & Nat 2014.

objetiva o seu desenvolvimento tecnológico, que é justamente uma relação de equilíbrio entre a população e os recursos naturais pela capacidade técnica.

Ainda segundo Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009), durante o século XIX, as discussões de Geografia na Europa concentraram-se na Alemanha, e as ideias alemãs chegaram no Brasil através dos geógrafos franceses, porém, sofreram muitas críticas baseadas na escola criada por Vidal de La Blache e seus discípulos,

A geografia passou a desenvolver-se com o respaldo do estado Francês, sendo introduzida como disciplina em todas as séries do ensino básico na reforma efetiva na Terceira Republica. Foram criadas as cátedras e os institutos de Geografia, o que estimulou a formação de geógrafos e de professores da disciplina (PONTUSHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 44).

De acordo com as autoras citadas, as ideias de Vidal de La Blache e seus discípulos influenciaram a disciplina de geografia nas Universidades de São Paulo e Rio de Janeiro e, aos poucos, se expandiram para outras universidades do país. Para Pereira (2013, p. 24) La Blache trouxe um novo discurso para a Geografia, onde “o homem não seria absolutamente passivo, podendo interferir e modificar a natureza ao atuar sobre ela, superando seus obstáculos como infertilidade do solo, ou a largura de um rio , com a utilização de técnicas” ou seja, o homem seria como um ser ativo sofrendo influências do meio e transformando-o. Ainda para Pereira (2013) a afirmação de La Blache mostrando essa relação entre homem-natureza trouxe possibilidades do homem alcançar um desenvolvimento econômico, político e social, o que fez com que seu pensamento fosse chamado de possibilíssimo, por isso, este foi o fundador do possibilíssimo e da “escola francesa da geografia”.

Segundo Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009) as ideias da escola francesa chegaram nas escolas a partir dos licenciados através de suas aulas com auxílio dos livros didáticos escritos por professores universitários. Em meados dos anos 1950, a Geografia chamada tradicional passa a ser questionada em várias partes do mundo e, posteriormente, no Brasil fazendo com que os geógrafos brasileiros buscassem outros modelos de reflexão geográfica. Dessa forma, essa ciência teve outros grandes influenciadores do pensamento geográfico como;

O anarquista francês Elisée Reclus (1830-1905) que fora aluno de Karl Ritter; o alemão Alfred Hettner (1899- 1941); o norte americano Richard Hartshorne (1899-1992), entre outros- produziram obras e formularam conceitos que também foram muito importantes para a constituição da geografia tal que a concebemos atualmente. Inúmeros são os autores que discutem a história do

pensamento geográfico, entre os quais destacamos Kretschmer (1942), Moraes (1983), Moreira (2010) e Santos (2002a). (PEREIRA, 2013, p. 24)

Andrade (2008) retrata a trajetória de geografia baseado em quatro períodos: no primeiro período, a geografia torna-se uma análise descritiva de paisagens, em que os geopolíticos na época influenciaram muito pouco. Em um segundo período “Inicialmente difundiu-se no país o uso e a defesa dos métodos estatísticos e, em seguida, o de uma geografia teórica que pregava uma ruptura com toda a geografia então desenvolvida e classificada, pejorativamente como tradicional” (ANDRADE, 2008, p. 12). No terceiro período, “a crise econômica dos anos 1970 e o desastre do modelo imposto em 1964 deram margem ao que surgisse uma reação entre geógrafos, classificados em geral de críticos, que procuravam reabilitar uma geografia política e social” (ANDRADE, 2008, p. 12). Esses geógrafos eram de grupos marxistas- leninistas, positivistas e marxistas heterodoxos trazendo inovações ao pensamento geográfico e, ao mesmo tempo, distorções de acordo com autor.

Porém, Montenegro; Silva Filho (2018) também falam sobre esse processo, onde em 1837 a Geografia constituiu-se no Brasil e, aos poucos, foi aplicada nos colégios do país. O que mais se tinha nas aulas Geografia era o enciclopedismo, onde a memorização operava, o que levou os alunos da época a considerarem a Geografia como uma disciplina de memorização. Com o tempo, a disciplina geográfica passou a ser questionada pelo uso do modelo tradicional o que fez outros países observarem o modelo tradicional e evidenciarem a geografia crítica como modelo a ser seguido, um pensamento pelo qual acreditavam-se que a geografia formaria cidadãos que atuassem na sociedade de forma crítica e consciente.

De acordo com Pontushcka; Paganelli; Cacete (2009), antes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), não existiam professores licenciados em Geografia, também não havia bacharelado e quem lecionava a disciplina eram pessoas de outras faculdades como engenheiros, médicos e seminaristas. Até mesmo pessoas de escolas normais chegavam a lecionar Geografia assim como outras disciplinas. Posteriormente, a ciência toma um novo rumo com a criação da FFLCH/USP que possibilitou o bacharel e licenciado em Geografia e História.

Apenas em 1930, que a Geografia passou a possuir um caráter científico “ao serem criadas as primeiras faculdades de Filosofia, o Conselho Nacional de

Geografia, e Associação dos Geógrafos Brasileiros (1934)” (PONTUSHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 48). Para as autoras abordadas acima, a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), bem como o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), foram importantes e continuam sendo para todos que constroem o conhecimento geográfico. As mesmas autoras revelam que só em 1957 os cursos de história e geografia da FFLCH/USP são desmembrados e as pessoas que interessavam-se em cursar geografia ou história faziam vestibulares específicos da disciplina.

Nos anos de 1970, a Geografia passou por um período em que perdeu significado: Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009) abordam sobre a criação dos estudos sociais no currículo das escolas nomeadas de primeiro e segundo graus comportando três matérias: “Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências. Essas matérias correspondiam às chamadas licenciaturas curtas, e, para as disciplinas do segundo grau, seriam formados professores em licenciatura plena.” (PONTUSHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 65). Vejamos o que as autoras continuam a falar sobre esse momento:

A licenciatura em Geografia e História, obtida com tanto sacrifício na universidade, estava perdendo seu significado. Afirmava que os Estudos Sociais apresentavam um conteúdo difuso e mal determinado, não se sabendo que se tratava de uma área de estudo ou de uma disciplina escolar, ora aparecendo como sinônimo de Geografia humana, ora usurpando o lugar das Ciências Sociais ou da História ou pretendendo impor-se como espécie de aglutinação de todas as ciências humanas (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 60).

Concernente aos teóricos de orientação marxista, Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009) pontuam que estes influenciaram nas décadas de 1980 e 1990 as pesquisas de geografia e um deles destacou-se, o geógrafo francês Pierre George (1909-2006)⁴. Neste mesmo período, a ciência geográfica também é alvo da censura militar, trazendo à ciência um empobrecimento de conteúdo, que fugia da realidade brasileira. Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009) afirmam que, apesar da Geografia teórica no primeiro e segundo grau não obter muita repercussão, as escolas na década de 1970 receberam livros extremamente empobrecidos em termos de conteúdos geográficos, mediante a descaracterização da proposta dos Estudos

⁴ GARCIA, Valquíria Pires; SALVI, Rosana Figueiredo. A geografia de Pierre George. Boa Vista: **ACTA Geográfica**, 2018.

Sociais segundo a Lei 5. 692/71. Esse fato aconteceu devido à censura militar na época, sobre as publicações, autores e editoras.

Na época dos anos 1970, como nos fala Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009) as obras, não traziam aos alunos a realidade existente do momento vivido, que também deveria ser estudada e questionada através da disciplina de geografia. Enquanto isso, as universidades públicas debatiam sobre o ensino da geografia e,

na França, principalmente no pós guerra, continuando nas décadas seguintes, nomes como Pierre George, Yves Lacoste, Bernard Kayser, Jean Tricart, Jean Dresch e Raimond Guglielmo procuraram o aprofundamento teórico da Geografia, utilizando o materialismo histórico e dialético. Marx e seus seguidores afirmavam que só a perspectiva de transformar o mundo permitia sua compreensão, só a visão crítica permitia aprender a essência e o movimento dos processos sociais (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 54).

Percebe-se que muitos teóricos discutiam e debatiam sobre outra perspectiva. Utilizavam-se do método materialista histórico dialético, trazendo grandes avanços e polêmicas para a ciência geográfica, como é o caso do escrito de Yves Lacoste que, em 1976, afirmou que “A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” uma tradução do original que trouxe em muitas gerações polêmicas e debates segundo abordam Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009).

Agora sabemos um pouco sobre o cenário da geografia na época em que o Brasil também enfrentara momentos conturbados. Apesar do período militar onde a produção geográfica e histórica era desconhecida, as autoras mencionadas acima abordam que, nos anos 1970, “a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e a Associação Nacional de Professores Universitários de História auxiliaram com as respectivas críticas, na extinção dos Estudos Sociais e também contribuíram para a aproximação de parte do professorado à universidade” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 66). A partir de então, esse processo contribuiu ao avanço universitário e o conhecimento das produções científicas da área.

Só nos anos 1980 houve um movimento de renovação do ensino de Geografia cujo o objetivo era melhorar a qualidade do ensino, os conteúdos, a forma de ensinar e aprender as disciplinas da escola básica, segundo afirmam Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009). No que se refere Pereira (2013) a renovação da geografia tenta romper com os fundamentos considerados tradicionais da disciplina. Yves Lacoste foi um dos maiores protagonistas do pensamento geográfico influenciado por ideias marxistas. O

autor recebe muitas críticas referente ao modelo capitalista de sociedade e sua maneira de conceber o espaço. Para ele, a geografia ensinada nas escolas é chamada de geografia dos professores.

Para Pereira (2013, p 25), Milton Santos (1926-2001) foi outro autor contribuinte para a geografia e é considerado um dos maiores e mais importantes pesquisador brasileiro. Foi também participante do movimento da renovação crítica da geografia. Suas obras, de grande relevância foram “O espaço dividido” (2008) e Por uma geografia nova (2002a). Tais obras tornaram-se referência para a permanente construção do pensamento geográfico”. Nos anos 1990 “a formação dos professores e o exercício profissional da docência foram postos no centro das discussões” (PONTUSHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 68). Diante disso, os avanços durante a década de 1990, como as propostas curriculares dos Estados foram debatidas com a finalidade de gerar nova proposta, agora com o nome de Parâmetros Curriculares Nacionais (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 73).

Essa geografia escolar foi mudando também a partir do seu currículo, cujo debates educacionais e diversos teóricos contribuíram para essas transformações. Ainda sobre a década de 1980 e 1990, Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009, p. 80) pontuam que

as transformações que abriram caminho para as diferentes correntes de pensamento não ocorreram linearmente. Assim, nas décadas de 80 e 90, continuaram os embates teórico-metodológicos entre as grandes frentes: a New Geography, a Geografia tradicional, a Geografia Crítica, a Geografia comportamental

Segundo Nogueira; Carneiro (2008) no mesmo período da renovação da geografia são refletidas aos sujeitos em escolarização práticas voltadas à formação do pensamento espacial a “formação da cidadania crítico participativa, nos ambientes de vivência e do cotidiano socioespacial” (NOGUEIRA; CARNEIRO, 2008, p. 86-87). Diante disso, as transformações ao longo da história permitiram a geografia escolar uma nova perspectiva, um olhar espacial, um pensamento voltado à participação do aluno nas questões sociais.

Sendo assim, observamos de forma sucinta autores importantes ao pensamento geográfico, como ciência e disciplina escolar, no qual enfrenta desafios até a contemporaneidade. Correntes do pensamento geográfico influenciaram nas mudanças e muitos autores contribuíram para essas transformações. Como vimos, suas modificações foram fases marcadas por conquistas e desafios e, isso, não

acontece de uma hora para outra. Os desafios ainda permanecem na geografia que conhecemos no contexto atual, estamos falando da educação geográfica e seus processos, mas também não podemos deixar de falar do conjunto que tange a geografia como ciência e como disciplina, composto pelo corpo docente, pelo o ambiente escola, pelos discentes e pelos conteúdos geográficos, no sentido de que é preciso conhecer os desafios de um profissional de Geografia, entendermos o para quê estudarmos e para que serve.

1.2 A escola, o professor, a geografia escolar e suas dificuldades

Em relação à ação pedagógica, Montenegro; Silva Filho (2018), valorizam o fazer pedagógico do professor durante o processo de ensino-aprendizagem. Porém, essa prática não será suficiente mediante os problemas enfrentados pelos docentes: “como escolas com estruturas precárias, falta de incentivo aos professores, especialmente com salários injustos, o desejo de transformar a realidade do ensino fica adormecido” (MONTENEGRO, SILVA FILHO, 2018, p. 86).

Já vimos, anteriormente, que a Geografia enfrentou processos para institucionalizar-se como ciência e, após sua institucionalização, ainda enfrentou mudanças para chegarmos na geografia que conhecemos na contemporaneidade. Cardoso; Queiroz (2016) comparam o período da geografia atual com uma geografia descritiva, “Geografia no ambiente escolar ainda sofre com a caracterização de uma ciência descritiva, este fato acaba gerando a falta de interesse por parte dos alunos e o desgaste por parte dos professores” (CARDOSO, QUEIROZ, 2016, p. 2). Porém, a geografia não serve apenas para que os alunos saibam os estados brasileiros, o nome de cada relevo e vegetação: serve para que os alunos compreendam a relação desses conteúdos com a vida deles.

Dessa forma, entendemos que a geografia não serve apenas para descrever as coisas, mas serve para entender suas essências. Sabemos que o docente por vezes, passa por situações duvidosa concernente a construção do conhecimento geográfico como quais conteúdos escolher, quais metodologias usar entre demais dúvidas. Um bom professor precisa pensar como aplicar determinado conteúdo, quais procedimentos usar, ou seja, preocupar-se com a aprendizagem significativa de seus

alunos. No que se refere às dúvidas que cercam o docente em meio à construção do conhecimento geográfico, Malysz (2011) nos diz que

na constante busca da construção do conhecimento geográfico, enquanto professores compromissados com a educação crítica, estamos sempre discutindo como e o que ensinar aos alunos. São dúvidas que nos perseguem sobre uma escola eficaz em relação ao conteúdo e aos procedimentos para ensinar Geografia numa perspectiva que estimule: a interpretação e a análise das diferentes paisagens; a leitura crítica dos acontecimentos nos diversos lugares; a compreensão de conflitos territoriais (MALYSZ, 2011, p. 16).

Entende-se que algumas dúvidas nos surgem enquanto professores de geografia em relação à eficácia dos conteúdos que usamos, as metodologias que por nós são adotadas para construirmos o conhecimento dentro da sala de aula de forma que ocorra uma aprendizagem significativa e de maneira que estimule o aluno a fazer interpretações e obter posicionamentos críticos sobre o contexto social e seus acontecimentos. Já para Scandelai (2010), o que instiga o aluno é uma aula de construção, onde o desafiará à compreensão e interpretações de fatos e problemas, e isso lhe impulsionará a pensar em soluções, criará em sua própria mente seu posicionamento diante os fatos e não se acomodará apenas com o que está escrito.

Manfio; Severo; Wollmann (2016) nos trazem a reflexão de que a geografia escolar tem como missão formar cidadãos, ou seja, alunos para a vida, de forma com que saibam posicionar-se criticamente nas suas relações familiares e sociais. Porém, o professor de geografia nas escolas públicas encontram no seu cotidiano escolar vários obstáculos que precisa vencer para alcançar alguns objetivos. Tais autores ainda falam à respeito da realidade educacional, ao enfatizar que “pensar em educação requer levar em consideração muitos artefatos como: as políticas públicas, as realidades escolares e as práticas docentes integradas num sistema que nem sempre condiz com a teoria educacional” (MANFIO, SEVERO, WOLLMANN, 2016, p. 64) Entendemos que, na prática, a educação perpassa situações pelas quais a teoria nem sempre corresponde, por isso, a educação deve ser pensada no contexto que realmente condiz com a realidade e não apenas com a teoria.

Como professores, é preciso pensar no papel que a Geografia possui enquanto ciência formadora de alunos: “O professor tem de ter a clara e definição do papel da geografia na formação dos seus alunos, para que possa contribuir de forma responsável nessa formação” (CARDOSO, QUEIROZ, 2016, p. 4). Porém, é preciso que todos participantes do processo educacional passem a reformular seus

pensamentos, pois o papel da educação não cabe apenas ao professor. Os autores mencionados acima ainda falam sobre a reforma do pensamento daqueles que participam do exercício da educação,

Este é um grande desafio para a educação, pois exige a definição de novos objetivos e de competências institucionais que possibilitem avaliar e redirecionar a estrutura e a dinâmica organizacional e administrativa das instituições educacionais (CARDOSO, QUEIROZ, 2016, p. 4).

Segundo os mesmos autores, para uma educação geográfica, é preciso a existência de uma estrutura teórico conceitual como importante artefato para que o professor demonstre competência em vastos conteúdos e domínio sobre a espacialidade dos fenômenos. Porém, não basta apenas uma estrutura teórico conceitual, mas é necessário que o professor possua a capacidade de trazer aos alunos atividades lúdicas-didáticas para que a vivência do aluno seja também levada em conta, ainda nos falam em sequência, que

a dificuldade encontrada em passar os conteúdos de geografia de forma mais clara e interessante no ensino fundamental e médio, especialmente nas escolas públicas, tem sido atribuída a alguns aspectos que precisamos superar, entre eles a deficiência da formação ou desatualização dos professores, falta de material didático que promova a contextualização, precariedade do trabalho docente (CARDOSO, QUEIROZ, 2016, p. 6).

Para o docente, a construção do conhecimento geográfico e o processo ensino-aprendizagem são também desafios, pelos quais tais autores nos fazem refletir sobre a dificuldade que o professor encontra ao lecionar, principalmente em escolas públicas, onde a desatualização é um cenário a ser superado. Vemos também a falta de recursos didáticos, é estes um dos principais meios por onde o aluno faz a leitura e contextualização do conteúdo.

Já Callai fala que a construção do conhecimento é tarefa do aluno, porém é papel do professor oportunizar condições necessárias para essa construção: “O processo de construção do conhecimento é, pois, uma tarefa que o estudante deve realizar, e o nosso grande desafio como professores é oportunizar-lhe as condições para tanto (CALLAI, 2009, p. 101). Já sabemos que muitas são as escolas que não oferecem subsídio necessário para que os alunos aprendam e a autora supracitada traz a ideia de que é papel do professor manobrar muitas situações não favoráveis à aprendizagem e oferecer oportunidades dessa construção de conhecimento a seus alunos.

Em relação ao planejamento de aula, Callai (2009) trata esse momento como algo difícil porém necessário e é importante que a seleção dos conteúdos seja feita cautelosamente. No mesmo momento em que se planeja, dúvidas concernentes a quais conteúdos tratar e também referentes aos melhores recursos para que aquela aula ocorra vão surgir. “A dificuldade de selecionar conteúdo para ser trabalhado em aula coloca ao professor de Geografia constantemente o dilema de quê tratar. Esta seleção é parte do processo de planejamento” (CALLAI, 2009, p. 102). A mesma autora fala que o docente precisa conhecer o que vai ser trabalhado. Entende-se que esse conhecer faz parte do planejamento.

Ainda com relação aos conteúdos, “o professor precisa ter clareza tanto do processo pedagógico como conhecer bem os conteúdos a serem trabalhados” (CALLAI, 2009, p. 93). Como exemplo, a autora aborda o conteúdo de território como um desafio pois cada lugar é objeto de uma razão global e local e que convivem dialeticamente, e “do entendimento desta relação, dos movimentos que são contraditórios, inclusive, encaminha-se à compreensão do mundo. Estudar o lugar, portanto, passa a ser um desafio constante para as aulas de Geografia” (CALLAI, 2009, p. 85).

Quando falamos em conteúdo, é preponderante pensarmos sobre a organização e sistematização deles, a autora supracitada considera um dilema presente na Geografia o fato do que fazer com tantas informações referentes a cada conteúdo. “Cada vez mais se torna mais claro que a escola não é lugar da informação, mas da busca da organização da informação, no sentido da construção do conhecimento (CALLAI, 2009, p. 101). Ou seja, a escola não serve como um lugar de repassar informações, mas sim um lugar onde se busca a organização dessas informações, com o intuito da construção do conhecimento, e entendemos que o docente deve propor essa organização de informações.

Para Castrogiovanni (2011, p. 64-65), “hoje é evidente que há uma necessidade de práticas do saber e o ensino de professores deve formar para essa prática, e não apenas se contentar em expor informações em segunda mão”. Já Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009) falam que, atualmente, o mundo está cheio de informações; elas consideram essas informações dados isolados sem significado para o aluno, por isso é preciso uma problematização da realidade geográfica que vise a contribuição

na formação de uma consciência espacial e admitir uma relação entre os elementos da realidade e do contexto do aluno e professor.

Desta forma, não podemos deixar de falar sobre a importância de ouvirmos o aluno e provocar discussões. Segundo as autoras, “ouvir o aluno permite conhecer as representações sociais construídas sobre o mundo, mas precisamos ensiná-lo a questionar e buscar soluções, ajudando-o a elevar-se a outros patamares de abstração a fim de superar o senso comum” (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, 2009, p. 30). Portanto, além de ouvirmos os alunos, precisamos ensiná-lo a questionar-se, pois apesar de possuírem um conhecimento prévio, é preciso provocá-los a superar esses conhecimentos comuns.

Kaercher (2009) fala também sobre a importância do docente saber ouvir: “É importante que o educador saiba ouvir, induza a discussões, faça provocações, e proponha novos temas para que a fala dos alunos não fique restrita só a assuntos imediatistas ou apresentados pela mídia” (KAERCHER, 2009, p. 140). Sabemos que, nos dias atuais as informações são confundidas com conhecimento, a mídia fornece um leque de informações ao aluno e o professor precisa induzi-los a discutirem não apenas informações temporárias como os das mídias mas construir conhecimentos a partir de novos temas.

Sobre o professor provocar essas discussões, o autor também fala que não basta apenas provocá-los, mas é preciso sistematizar as ideias no quadro negro e no caderno, pois o intuito do professor é fazer com que os alunos pensem coisas que não haviam pensando antes. Diz-nos o mesmo autor que, “parece claro que quanto mais ouvimos os alunos ou, melhor, os provocamos a falar, mais material temos para prepararmos nossas aulas e melhor entendermos seus interesses e sua lógica (KAERCHER, 2009, p. 139). O autor mencionado pontua que, fazendo isso, cumprimos um dos objetivos de educar, que é estimular a capacidade de expressão e de criação do cidadão.

Kaercher; Tonini (2017) falam sobre a importância que a geografia possui à compreensão do mundo; apesar disso, acreditam que o mundo é muito complexo, apesar do docente falar a respeito dessa questão, não conseguirá abranger tamanha complexidade, por isso a importância do professor fazer perguntas abertas para que o aluno saiba comentar sua opinião, e esse diálogo provocado juntamente com a

escrita são um dos pontos centrais à uma docência que estimule a reflexão e visão do mundo do aluno. Vejamos o que os autores abordam a respeito:

Creemos que a Geografia tem algo a dizer para melhor compreendermos o mundo. Para nele nos situarmos e agirmos. Mas, e também, não creemos demasiadamente que aquilo que falamos abarque a complexidade do mundo. Daí a necessidade ao bom docente fazer perguntas abertas – aquelas que não temos as respostas de antemão – para que o aluno seja, de fato, convidado (cobrado?) a emitir sua opinião. Esse processo dialógico, juntamente com a escrita, é central em uma docência que estimule a reflexão e a ampliação da visão de mundo dos alunos (KAERCHER; TONINI, 2017, p. 255).

Outro desafio da geografia escolar, segundo Callai (2013), se refere à compreensão do mundo. Consiste em estimular os alunos consigam fazer a leitura do lugar, compreender o contexto em que está inserido, sua escola e o dia a dia das pessoas que vivem ali e, através desse estudo do lugar, discutir o porquê dos acontecimentos, pois “é nos lugares em que está o chão que pisamos, no qual temos nossas moradias, nossas vizinhanças, nosso contato mais diretos e intensos do convívio diário (CALLAI, 2013, p. 34). A autora também pontua que conseguimos fazer a leitura do lugar através da leitura da paisagem.

Mosé (2013) traz uma reflexão interessante quando fala a partir do mundo e da realidade educacional atual, referindo-se aos desafios presentes no mundo, refletidos no ambiente escolar e na sociedade:

Vivemos uma mudança de meios, uma enxurrada de informações, o mundo vive o processo de instabilidade e incerteza econômica, social, climática, e o modelo educacional vigente nas escolas públicas e privadas, fundado em verdades, em saberes acumulados, sem espaço para invenção e para a dúvida, não foi preparado para isso. Os altos índices de evasão escolar, o baixo rendimento dos alunos, o desinteresse e a falta de estímulo atingem a quase todos, o aumento da violência no espaço escolar manifestam a exaustão de estruturas muito antigas e a necessidade de reconstrução. Sem perspectivas diante dos inúmeros desafios do mundo atual, a escola já não satisfaz ninguém: nem alunos, nem professores, nem gestores, nem cidades, nem mercado (MOSE, 2013, p. 54).

Ou seja, a complexidade e transformações do mundo atual tornam-se desafios também para o contexto educacional que, segundo a autora supracitada, não foram preparados para lidarem com os problemas sociais e ambientais, onde escolas com estruturas antigas precisam ser reconstruídas e, com isso, acabam não agradando ninguém. A mesma autora também coloca como um desafio a capacidade de lidar

com as diversidades de interpretações e perspectivas, onde todas as coisas estão relacionadas e tudo que existe está em um contexto.

Outro fato importante é colocado por Castrogiovanni (2018) quando aborda a necessidade que cativar os alunos em relação à uma temática e despertar o interesse por ela é uma dificuldade:

Com frequência, escutamos que nossos alunos são muito criativos e têm facilidade em atribuir um ar fresco a muitas vezes “brutalidade” do conhecimento curricular, construindo um novo olhar sobre o conteúdo, arquitetando-o numa dimensão poética. Todavia, também não raramente é nos passado a dificuldade que tem o professor de cativar os jovens, de mobilizá-los perante uma temática e fazê-los adquirir real interesse por ela, sendo que na maioria das vezes a palavra de ordem para isso é uma permanente “desmotivação” (CASTROGIOVANNI, 2018, p. 10-11).

Vejamos como Nogueira; Carneiro tratam a respeito do desafio à formação cidadã, no que se refere às motivações dos jovens e compreenderem quem são e onde estão como agentes construtores de suas vidas, de seu futuro e o futuro de todos:

Há, presentemente, um grande desafio para as práticas educativas e, no caso da educação geográfica, o compromisso com a formação do cidadão situado em sua localidade, comunidade, cidade – porém, não isolado, e sim vivenciando a relação intrínseca entre seus valores de vida e a construção do mundo. Daí: - como desinstalar e motivar os sujeitos alunos a entenderem e viverem quem são e onde estão, como cidadãos desde já e, mais ainda, como construtores do seu e do futuro de todos? (NOGUEIRA; CARNEIRO, 2008, p. 98).

Já Sousa; Barbosa; Lins (2003) interpelam que o trabalho do professor torna-se complexo mediante as dificuldades de compreensão e leitura do mundo, no qual muitos alunos enxergam a Geografia como desinteressante, uma disciplina que necessita de memorização de nomes de regiões, rios, países. Enfatizam também que uma das principais dificuldades do ensino fundamental nos anos iniciais é na aprendizagem dos conteúdos geográficos, no qual o docente se encontra com alunos de diversas espacialidades, advindos de conhecimentos vividos distintos sem a possibilidade de fazerem uma boa reflexão sobre essa diversidade.

Mediante as transformações da sociedade e da ação pedagógica na qual não pode apenas repassar informações, mas precisa ensinar e selecionar o que é importante para que o aluno saiba resolver problemas em uma sociedade cheia de modificações, o docente ao usar o livro didático precisa ser preparado para a seleção

de livros que irão ajudá-lo nessa construção do conhecimento de acordo com Sousa; Barbosa; Lins (2003).

Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009) demonstram a importância que se tem o trabalho com a interdisciplinaridade no ensino de Geografia, pois ao trabalhar com a interdisciplinaridade⁵ podemos criar novos saberes e mediante as diversas leituras de mundo e dos distintos espaços geográficos podemos nos aproximar de forma mais real da realidade social, mas ainda afirmam que trabalhar com a interdisciplinaridade não é fácil, pois de um projeto único e solitário passaremos para um trabalho coletivo e, nessa mudança, surgirão contradições e diferenças de espaço social que é a escola.

As autoras citadas abordam a relevância de um tema gerador⁶ no projeto interdisciplinar, onde os professores definem um tema de interesse a todos e começam a trabalhar em conjunto, experimentando métodos e técnicas de cada disciplina e também o do olhar de cada profissional e, a partir de então, que haja uma melhor compreensão dos fatos do mundo atual, em que esse tema gerador fosse articulador de projetos interdisciplinares extraíssem temas relacionados ao contexto local da escola e de seus arredores. Todavia, para professores iniciantes que nunca utilizaram essa metodologia nos programas da escola, torna-se uma experiência desafiante.

Pensar na interdisciplinaridade é fazer uma organização curricular, é sistematizar o conhecimento através da realidade local e o fato da realidade local influenciar no pensar o currículo demonstra uma dialética entre dois conhecimentos, o conhecimento comum e o conhecimento sistematizado, conforme abordam Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009). Desse modo, sabemos que durante muito tempo concebiam currículo como sequência de conteúdo mas, hoje, esse instrumento engloba também posicionamentos, infraestruturas, situações do cotidiano e o contexto dos alunos e da escola.

Para as autoras mencionadas anteriormente, “a escola de ensino básico fica sendo o lugar para o professor realizar o relacionamento entre as várias áreas do conhecimento que fazem parte do conhecimento geográfico” (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, 2009, p. 161) mas, para que isso aconteça, as autoras

⁵ FREIRE, 1993

⁶ ANDREOLA, Balduino A. **O Processo do Conhecimento em Paulo Freire**. Educação e Realidade, Vol.18, p. 32-45, 1993.

ênfatizam que é necessário uma formação sólida da educação geográfica para que não reproduzam uma fragmentação do conhecimento geográfico.

Portanto, é notório que a escola e o professor enfrentaram seus desafios mediante a construção do conhecimento geográfico, de forma que consigam que os alunos tenham uma aprendizagem significativa. É necessário instigar os alunos à gostarem da disciplina e a compreenderem a importância desta ciência escolar para suas vidas. Por isso, para uma construção do conhecimento geográfico, é preciso levar em conta muitos artefatos, fazer um planejamento adequado, possuir um bom preparo e uma boa formação. E para a formação de cidadãos críticos é preciso que o professor entenda primeiramente o que é ser cidadão e mostre a seus alunos o real sentido de ser crítico em uma sociedade, e para que os mesmos consigam entender essa criticidade é necessário que eles pensem, duvidem, questionem-se, pensem em algo que nunca pensaram para saberem posicionar-se diante o seus contextos, assim como saberem identificar e relacionar conteúdos de Geografia com a localidade em que vivem.

Mesmo diante dos problemas da educação geográfica e não apenas da referida ciência mas, de todo o contexto que tange a educação do país, o professor precisa estar ativo e constante em seu ofício, estar atento no que deve ou não fazer, reproduzir e construir, pois a Geografia deve ser ensinada de forma construtiva, mostrando aos alunos sua serventia e não apenas à expando como forma de descrever as coisas. Para que a aprendizagem significativa ocorra de fato é importante que o docente escolha bem sua metodologia e conteúdo, pois formar alunos em Geografia, significa formá-los para a vida e, por isso, não é uma tarefa fácil, se levarmos em consideração os obstáculos postos pelas políticas públicas, estrutura escolar e contexto individual de cada aluno. Para isso, é necessário uma boa formação, uma constante prática, capacidade e criatividade, pois apenas o processo ensino-aprendizagem e complexidade do mundo torna-se um desafio e onde despertar o interesse do aluno e cativa-lo no cenário onde muitos deles consideram a geografia como chata e desinteressante é desafiante.

CAPÍTULO 2 - REFLEXÕES À CERCA DO ENSINO ESCOLAR

2.1 Sobre a Residência Pedagógica e o Estágio Supervisionado

No que se refere ao programa Residência Pedagógica, segundo Silva; Cruz (2018), na área da educação o programa surgiu no Brasil sob diferentes nomenclaturas. Também não é considerado um discurso novo no país pois em 2007 houve uma primeira discussão advinda do Senador Marco Maciel (DEM/PE) no qual falou ter se inspirado na residência-médica. “Pelo PLS 227/07, a residência educacional teria carga horária mínima de 800 horas e, dois anos após haver sido implementada, passará a se exigir certificado de aprovação para professores dos anos iniciais do ensino fundamental” (SILVA; CRUZ, 2018, p. 230).

As mesmas autoras citadas anteriormente destacam que existiram três nomenclaturas para três projetos chamados de: residência educacional, residência pedagógica e residência docente, segundo as mesmas, essas nomenclaturas demonstram fragilidade teórico-metodológico, demonstram pouco aprofundamento sobre o conceito. Silva; Cruz (2018, p. 232) abordam que, “apesar dos projetos de Lei propostos no Senado Federal não terem sido implantados, desde a década de 2000 vem acontecendo experiências de residência isolados no campo da formação de professores nos sistemas municipais, estaduais e federais” sejam na educação básica, como na superior. Vejamos o que os autores pontuam sobre isso;

Estado de São Paulo - o Programa Residência Educacional foi instituído por meio dos Decretos nº 57.978/ 2012 e 59.150 / 2013. Esse programa de Residência Educacional no Estado de São Paulo foi instituído com a finalidade de aprimorar a prática docente, como também devido à complexidade do processo de operacionalização das atividades de Estágio Supervisionado, prescrito nos termos da Lei Federal nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, a qual prevê ações de parcerias, mediante termos de cooperação técnica, convênios e outros acordos pertinentes. Os Cursos de Pedagogia não foram contemplados nesse programa de Residência Educacional. O programa foi suspenso em 2014 (SILVA; CRUZ, 2018, p. 232).

De acordo com as autoras citadas, a Residência Pedagógica teve início no curso de pedagogia desde 2009 pela Escola de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (EFLCH/ USP - campus Guarulhos). Essa residência consistia em um programa de estágio caracterizado por um contato progressivo entre os estudantes, professores da IESI e das escolas da educação básica. Em 2014,

entrou em vigor um projeto semelhante ao da Residência Pedagógica em Jundiaí/SP. Tratou-se de um estágio renumerado para estagiários de cursos como, pedagogia, letras, psicologia e educação física, porém, o projeto não teve continuidade. No Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI) no Rio Grande do Sul, o projeto foi criado em 2008, atualmente ainda está vigente. Já esses residentes matriculados na instituição fazem estágio supervisionado em outras cidades do país. Em 2011 o programa também foi “implementado no primeiro ano de estágio probatório para professores ingressantes na rede municipal de educação de Niterói, RJ” (SILVA; CRUZ, 2018, p. 233).

Segundo abordam Silva; Cruz (2018), o projeto Residência Pedagógica da CAPES, criado em 2011 e implantado em 2012, “não se limita somente à vivência em sala de aula, mas busca constituir uma interação entre pesquisa acadêmica e teoria-prática docente” (SILVA; CRUZ, 2018, p. 236). É importante destacar que a prática dos residentes possui uma relação com a Base Nacional Comum Curricular-BNCC, de forma que o programa traz a ideia de uma formação inicial com os licenciados residentes e um formação continuada com as preceptoras da escola e os conteúdos da educação básica baseiam-se atualmente na BNCC, que é um dos objetivos do programa. Vejamos o que o programa objetiva:

- I. Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
- II. Induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica; [...]
- IV. Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Edital CAPES, 06/2018).

Ainda segundo aborda o Edital da CAPES,

[...] A residência pedagógica consiste na imersão planejada e sistemática do aluno de licenciatura em ambiente escolar visando à vivência e experimentação de situações concretas do cotidiano escolar e da sala de aula que depois servirão de objeto de reflexão sobre a articulação entre teoria e prática. Durante e após a imersão o residente deve ser estimulado a refletir e avaliar sobre sua prática e relação com a profissionalização do docente escolar, para registro em relatório e contribuir para a avaliação de socialização de sua experiência como residente (Edital CAPES, 06/2018).

De acordo com o site da CAPES (2018), o programa Residência Pedagógica pretende fazer um aperfeiçoamento do estágio supervisionado através de licenciados em sua metade de curso inseridos numa escola básica participando de regências e intervenções pedagógicas, que são acompanhados por um professor da escola já experiente no componente curricular e também são supervisionados por um docente de uma instituição superior. O lançamento dos editais da CAPES objetiva uma valorização da formação de professores através do aperfeiçoamento assim como as disciplinas de licenciatura.

Desta maneira, o programa possui uma semelhança com os estágios supervisionados da academia, objetivando a prática docente e o aperfeiçoamento dos licenciados sob supervisão de um docente dentro da sala de aula assim como nos estágios, porém, indo além, pois a permanência dos alunos na sala de aula é maior e o contato o professor preceptor também, além de passar mais tempo na escola e com os alunos podendo trabalhar com eles todo o ano letivo.

Aborda Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009, p. 89), que “a formação de professores constitui uma questão central no contexto mais amplo da educação brasileira” as mesmas autoras falam que a formação docente no país, durante muito tempo, foi posta em segundo plano nas prioridades educacionais “caracterizando um processo de desvalorização da profissão marcada pela consolidação da tutela político-estatal sobre o professorado”

Por isso, “a formação docente é um dos pilares de fundamental importância para o ensino da Geografia, principalmente, na contemporaneidade, que está repleta de desafios” (CARDOSO, QUEIROZ, 2016 p. 3). De acordo com as autoras, é preciso tornar firme o sentido da práxis pedagógica pois assim, o professor reafirmará suas reflexões sobre a educação e no seu papel como professor, pensará sobre sua prática e fará sua própria releitura do mundo.

Por isso, a formação inicial é pensada como base, pois é a partir dessa formação que o docente adentra ao espaço escolar. As autoras supracitadas ainda falam da importância de um investimento na formação de professores, o que nos leva a refletir sobre a disciplina de estágio supervisionado, no sentido de que os alunos estagiários são inseridos nas escolas e devem ser preparados para “terem um olhar de pesquisador”, a fim de pensarem em atividades que possam ser implementadas a

partir daquela realidade vivenciada, com o intuito de realizarem uma prática pedagógica que envolva os alunos, levando-os à reflexão.

Concernente ao estágio supervisionado, Santos (2013) aborda que, através desse componente curricular, o aluno licenciado tem a possibilidade de refletir sobre a docência, pois o trará noções sobre a realidade que o espera em sua condição docente. Por isso, ressalta a importância de estamos pensando sobre o estágio supervisionado na formação inicial “pode-se inferir que quanto mais se considera o estágio supervisionado uma atividade complexa, maior será sua importância na formação de professores de Geografia” (SOUZA, 2013, p. 108). Ainda segundo Souza (2013), o estágio supervisionado se revela importante para a formação de professores justamente por ser complexo, o seu desenvolvimento não é considerado uma tarefa fácil, porém essa complexidade não é dificuldade para a formação de professores, ao contrário, traz uma dinâmica o processo de construção do conhecimento ao professor de geografia.

Maylsz (2011, p. 18) diz que, “os estagiários traziam da universidade pouca ou nenhuma experiência de prática e tinham dificuldade na transposição didática do conhecimento científico aos alunos”. Isso nos faz refletir que muitos estagiários não possuem quaisquer prática em relação à regência, o primeiro contato com alunos acontece nos estágios que, por vezes, demonstram dificuldades na hora da construção do conhecimento, da troca de saberes entre o estagiário e o aluno e disso sobrevêm desafios ao utilizarem o conhecimento científico no ensino básico. Vejamos o que Callai diz a respeito:

É fundamental um professor de Geografia saber Geografia, teoricamente, metodologicamente e epistemologicamente. É impossível o professor não ser criativo num mundo onde a diferença faz toda a diferença e a busca pelo criativo inicia-se na preparação de questionamentos sobre a própria existência do fazer pedagógico. (CALLAI, 2011, p. 64)

É importante que o professor seja criativo, faça questionamentos a respeito do que fazer para que suas aulas sejam mais proveitosas e significativas. É preciso usar a criatividade, saber teorias, métodos da geografia, conhecer o que de fato é geografia para poder ensinar. Segundo Santos (2013), o docente desde sua formação inicial deve ter uma reflexão sobre sua prática nos estágios e na sala de aula. Em um mundo onde o novo ganha força e faz diferença, o professor deve se qualificar, planejar para que essa diferença ocorra na prática.

Saiki; Godoi, nos trazem a reflexão de que não é possível adquirir a prática da sala de aula apenas no último período acadêmico, é preciso que o professor construa conhecimentos o esse conhecimento profissional não vem pronto, não podemos apenas nos conter com experiência dos outros, mas temos que buscar nossas próprias experiências. “Na graduação, grande parte dos alunos não tem experiência de sala de aula, eles apenas construam conhecimento teórico” (SAIKI, GODOI. 2010, p. 28-29). Os conhecimentos teóricos são importantes e necessários para uma boa formação e um docente precisa, além de um conhecimento teórico conceitual, conhecer a realidade da sala de aula e estar envolvido com a prática.

Portanto, a experiência que estagiários adquirem durante a formação é relevante, “a escola pública do ensino fundamental e médio tem muito a contribuir com o curso de licenciatura, e a troca que se estabelece traz possibilidades de atualização teórica e metodológica para as aulas de Geografia na educação básica” (MALYSZ, 2011, p. 19) A metodologia usada pelo professor para alunos do ensino fundamental e médio precisam ser instrumentos que propiciem uma educação geográfica, compreendendo que o objetivo principal seja alcançar uma aprendizagem significativa para o aluno.

Pontushka; Paganelli; Cacete (2009) falam sobre a importância do professor em seu processo formativo, principalmente na formação inicial, que sejam pesquisadores, pesquisem como o conhecimento que por eles é trabalhado está sendo produzido, e que a ideia de que o professor de escola básica não precisa pesquisar tem reforçado a concepção de que o docente é apenas um “transmissor” que repassa a seus alunos a informação, ou seja, apenas um usuário do conhecimento científico: No que se refere a um professor pesquisador, as mesmas autoras pontuam que,

segundo as novos referenciais oficiais (DCN) de formação docente, cabe ao professor da escola básica desenvolver nos alunos uma atitude investigativa, situação em que a pesquisa venha a constituir, ao mesmo tempo, instrumento de ensino e conteúdo da aprendizagem. Ocorre que, para o professor poder cumprir esse objetivo, é imprescindível que ele mesmo tenha aprendido e seja capaz de dominar a habilidade de produzir pesquisa (PONTUSHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 96).

Deste maneira, para que o docente incentive seus alunos a pesquisarem e o influenciem a terem atitudes investigativas, é preciso que o próprio possua habilidades e capacidade de produzir pesquisas. A pesquisa sobre o ensino de geografia permitirá

ao aluno de licenciatura, no âmbito do ensino da ciência geográfica, “o acesso a várias metodologias de ensino e aprendizagem, exercita sua capacidade de fazer opções relativas aos conteúdos e suas didáticas e promove sua capacidade de elaboração própria de novos tratamentos e metodologias” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 99). Deste modo, é importante estarmos pensando na relevância da pesquisa em qualquer âmbito da formação docente, pois esta lhes trará novas possibilidades no ofício de um professor de geografia que visa variedades de metodologias de ensino as quais possibilite ao aluno aprendizagem considerável.

Todo e qualquer professor deve refletir sobre a prática: Cavalcanti diz que se depara com certos professores cheios de vontade de fazer algo diferente e não sabem como, para o mesmo é desesperante enxergar isso, pois estes professores estão cheios de teorias, mas não sabem como organizar e nem como a teoria se transforma em prática, porém, “não é a prática que é formadora, mas a capacidade de refletir sobre essa prática” (CAVALCANTI, 2019, p. 24). A prática é tida como um desafio na contemporaneidade pois é nela que se vive o ofício do ser docente, no qual aprenderá com erros e acertos, lidará com a experiência de fato, uma experiência viva, e não apenas vivida, mas sentida mediante suas dificuldades, pois “muito do que eles fazem e constroem no seu trabalho cotidiano nem sempre é resultado de sua formação acadêmica, mas de conhecimentos práticos” (CAVALCANTI, 2019, p. 37).

Como professores de geografia passamos por uma formação e devemos continua-la para que os alunos alcancem o melhor da disciplina geográfica, por isso, “nós, docentes, devemos estar atentos à realidade dos nossos alunos e aos valores culturais e sociais no qual estes se encontram imersos, na tentativa de que, a partir do seu cotidiano, possam realizar suas leituras de mundo” (SANTOS, 2013, p. 71).

Desta maneira, o professor nunca deve parar de buscar sua qualificação profissional, o mesmo deve estar em constante formação mesmo já atuando como um profissional na área. Um professor nunca saberá tudo, o mundo complexo está em constante transformação assim como a escola e alunos, por isso, o docente também precisa estar no mesmo ritmo, se adaptando a essas transformações. “Olhares, tensões e conflitos fazem parte do contexto durante a formação continuada de professores, na medida em que estamos tratando de uma profissão na qual estamos envolvidos diretamente coma construção de conhecimentos” (CASTELLAR, 2015, p. 32)

Além disso, temos o estágio supervisionado como um dos componentes curriculares da licenciatura de geografia com base em focar e refletir no como ainda podemos melhorar. É preciso estarmos atentos sobre as nossas metodologias, escolhas, atitudes, planejamentos, conteúdos e reflexões sobre a realidade do aluno e os distintos espaços que fazem parte de sua vida e como o docente pode contribuir para que o aluno compreenda o mundo ao seu redor, faça interpretações e contribua com suas ideias, críticas e atitudes para esses espaços e conflitos sociais, como o professor, desde sua formação inicial e continuada, tenha atitudes coerentes na contribuição para um ensino-aprendizagem de geografia de qualidade tendo consciência que este também faz parte do cotidiano e da realidade do aluno.

Para Vieira; Sá (2010) o docente sempre segue um método, mesmo que seja simples, e esse método está relacionado à forma que o professor pensa em trabalhar determinado conteúdo, incluindo a escolha de livro didático, a dinâmica na aula, a voz e o quadro negro, sendo estes últimos dois os recursos mais antigos. Porém, ao mesmo tempo em que o docente possui a liberdade da escolha desses métodos e de conteúdo, possui também uma grande responsabilidade. “A aula é um acontecimento no qual há relação entre sujeitos: professores e alunos” (VIEIRA; SÁ, 2010, p. 102), sendo assim segundo o mesmos autores, para uma aprendizagem só é construída quando há uma reciprocidade entre esses sujeitos aluno e professor, um bom recurso nem sempre garante uma aprendizagem significativa.

Na contemporaneidade, os jovens e adolescentes possuem muito acesso às informações vinculadas pelas variadas formas de tecnologia e mídia digital, diante desse cenário, poucos são os alunos que possuem um interesse pelas explicações teóricas dos professores, por isso, à importância do professor conhecer os recursos de mídia na escola e inseri-los no planejamento, apesar de que não podemos desprezar os professores de lousa e giz, sendo também estas aulas muito produtivas, além do más, o mais importante é que o docente tenha o domínio do conteúdo, conheça os seus alunos e consiga trabalhar múltiplos temas, trazendo o cotidiano do aluno como exemplo para a exposição dos conteúdos, segundo Vieira; Sá (2010).

Para os referidos autores, “este é um desafio no momento atual para professores: incorporar os recursos disponíveis da mídia numa aula realmente produtiva e desafiadora” (VIEIRA; SÁ, 2010, p. 103) Apesar dos recursos didáticos serem importantes, não são o bastante para garantir uma aula de construção do

conhecimento e para garantir que as aulas não sejam apenas reprodutoras de conhecimento. Para Vieira; Sá (2010), cabe ao professor decidir suas metodologias, se quer formar alunos “copiadores ou criativos”, utilizando-se de um pensamentos prontos ou escolhemos incentivar os alunos a pensarem.

2.2 A BNCC e a educação geográfica, o papel do professor e da escola na educação básica

De acordo com o seu texto, a Base Nacional Comum curricular (BNCC) tem por objetivo contribuir com a rede de educação brasileira, melhorando o trabalho dos professores e escolas e consecutivamente, a aprendizagem dos alunos. Mas será que seu objetivo ao longo dos anos vai adquirir sucesso? Ainda não sabemos ao certo, pois apenas em 2014 após a aprovação do PNE (Plano Nacional de Educação) que a base começou a ser considerada um documento onde as escolas brasileiras pudessem se basear para formular, melhorar, e analisarem os seus currículos.

A mesma base substitui os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). O documento ainda diz que a BNCC é resultado de muitas mãos e de diferentes pessoas em um longo processo de discussões, deixando claro que, todo profissional bem formado e preparado precisa conhecer a BNCC, e mais, deve dominá-la, é o que nos diz Calegari:

Todo profissional da Educação bem formado e atualizado deve dominar a Base. Além de ser um documento normativo nacional, define as aprendizagens essenciais que os alunos têm o direito de adquirir durante a Educação Básica. Por isso, é necessário mais que um esforço individual: conhecer e dominar a BNCC é uma tarefa coletiva que exige organização, planejamento, apoio e capacidade de trabalhar em equipe de forma colaborativa (CALEGARI; 2018, p. 08).

Como relata o autor, nota-se que a BNCC deve ser oferecida para todos, pois na verdade todos possuem os mesmos direitos e os mesmos deveres. Dessa forma, a BNCC denota igualdade e esse é um dos seus objetivos. Observemos o que o autor discute:

A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define os direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para todas as crianças, jovens e adultos em escolas de Educação Básica públicas e privadas de todo o Brasil. Ao definir direitos, define também os deveres: deveres do Estado, dos governos, das famílias, das escolas, dos profissionais da educação e até mesmo os deveres dos estudantes, já que estudar e aprender é também um desafio para eles. Portanto, a BNCC é uma contribuição para a equidade, para a igualdade de oportunidades educacionais (CALEGARI; 2018, p. 12)

Além do mais, a BNCC, posta enquanto direito de todos os profissionais da educação e alunos, precisa refletir que, mediante a situação do nosso país, as escolas podem não oferecer o suporte necessário para a execução desta base. Será que todos os alunos de escolas públicas e particulares possuem o os mesmos suportes em suas escolas? A base é oferecida a todos, mas nem todos possuem as mesmas oportunidades. Existem muitas problemáticas que impossibilitam que a base seja executada da melhor maneira possível, quando o problema não está na escola, está nos alunos, de onde eles vêm, onde moram, sua cultura e suas limitações.

(BNCC): Reconhece, assim, que a Educação Básica deve [...] assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades (BNCC, 2017.p.14).

A situação raiz ou base da educação brasileira ainda deve ser analisada, em que algumas medidas foram tomadas, outras estão sendo e ainda serão, para que, assim, a educação do nosso país melhore cada vez mais. Ao ler as primeiras páginas do referido documento, tem-se um “parecer” de que a base serviria como “salvadora” de nossos currículos, porém, ao longo das leituras percebe-se que ainda existem muitas coisas a serem feitas e ideias elaboradas a serem discutidas e colocadas em pauta.

No que se refere à geografia, sabemos que a mesma é uma disciplina que ajuda o homem a fazer uma leitura do mundo e a BNCC no ensino da geografia reforça esse pensamento. A base comum curricular deveria nos mostrar mais sobre o que fazermos diante de tantas problemáticas que os professores enfrentam na sala de aula nos dizer o “como” executar as suas ideias, porém entendemos que esta não pode ser considerada um “manual de regras”. Sem contar que poucas foram as ideias concernentes à disciplina de geografia: lemos que a BNCC não é currículo, mas sim um conjunto de referências para a elaboração curricular; todavia ao ler sobre ela, nos faz a enxergá-la como um currículo.

Segundo a BNCC, podemos compreender o mundo em que vivemos a partir dos estudos da geografia, além de contribuir para a formação do conceito de

identidade e para fazer a leitura do mundo baseando-se nos estudos de geografia os alunos devem ser estimulados a “pensar espacialmente”. Além do raciocínio geográfico, esse pensamento espacial interage com outras disciplinas que visa à resolução de problemas.

Para a BNCC, a Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações e essa interação entre disciplinas humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida em que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças.

Ainda segundo a BNCC, para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. O pensamento espacial está associado ao desenvolvimento intelectual que integra conhecimentos não somente da Geografia, mas também de outras áreas (como Matemática, Ciência, Arte e Literatura). Essa interação visa à resolução de problemas que envolvem mudanças de escala, orientação e direção de objetos localizados na superfície terrestre, efeitos de distância, relações hierárquicas, tendências à centralização e à dispersão, efeitos da proximidade e vizinhança etc. O raciocínio geográfico, uma maneira de exercitar o pensamento espacial, aplica determinados princípios para compreender aspectos fundamentais da realidade: a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial, as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações antrópicas.

Portanto, ainda existem muitas lacunas quando lemos sobre a BNCC. Não sabemos claramente quais setores sociais que participaram de sua elaboração, muitas coisas nos deixaram implícitas, entretanto, enfatizam bastante a importância da base para a melhoria dos currículos educacionais brasileiros. A BNCC apresenta um conjunto de ideais e algumas destas não nos mostra como realizar dentro de nossas escolas. Pontuam também sobre a diversidade cultural que existe no nosso

país, assim, refletimos como a BNCC pode contribuir diante dessa diversidade cultural? O texto ainda diz que a BNCC não é perfeita e também não é acabada, exatamente por isso, ela não é algo pronto.

A Base Nacional Comum Curricular possui os seus prós e contras, assim como o documento diz que todo profissional da educação bem formado deve dominar a BNCC, declaramos que todo profissional bem formado deve sempre duvidar e questionar, não deve apenas fazer uma leitura do mundo, mas uma interpretação do que está inserido no mundo e, além de uma leitura e interpretação, precisa também “fazer alguma coisa”, “agir”, ou seja, oferecer uma contribuição para o mundo, fazer dele a começar de onde moramos, um espaço, um ambiente melhor e, porque não dizer uma educação melhor agindo no nosso cotidiano profissional que é a escola, reconhecendo o ambiente escolar assim como a profissão docente papéis relevantes na formação de alunos.

Falar na contemporaneidade sobre a educação geográfica nos faz refletir sobre a educação no âmbito geral, de quem é o papel da educação e para que serve. É importante lembrar que as mudanças no contexto político do país alcançam de fato a educação, como por exemplo, se nossas escolas são bem estruturadas e fornecem ao aluno um ambiente agradável, se possuem um bom corpo docente e atualizações de recursos didáticos-metodológicos. Como aborda Cavalcanti,

a educação é um fenômeno complexo, entendê-la e, mais ainda, atuar conscientemente nesse âmbito exige muito conhecimento, muita reflexão e sensibilidade para tomar decisões, estabelecer metas, elaborar propostas, transformar situações “indesejadas” em realidades mais coerentes (CAVALCANTI, 2019, p. 22-23).

Para Vesentini, a educação é “entendida como algo que não se resume à escola e sim a todos os meios de aprendizagem: família, mídia, lições dos mais experientes, trocas de ideias com outros etc” (VESENTINI, 2007, p. 14). No âmbito geral, de acordo com o Diário do Nordeste (2009) os desafios da educação brasileira baseiam-se na melhoria da qualidade de ensino, uma forma de fazer com que os alunos realmente aprendam. Na época, as provas e provões, apesar de serem bem elaborados, não conseguiam mostrar de fato a realidade e complexidade da educação, apesar dos avanços, o país ainda precisa melhorar a qualidade educacional.

Porém, nosso objetivo é abordar sobre o papel do professor e da escola no processo ensino-aprendizagem, é mostrar que estes possuem o papel de proporcionar-lhes condições mesmo quando falta o apoio de todo um conjunto de órgãos que dão o suporte a educação. O professor e a escola mediante a realidade de cada aluno e do contexto escolar da comunidade, recebem as maiores exigências, pois mesmo diante alguns obstáculos, precisam proporcionar ao aluno um ambiente agradável e uma aprendizagem significativa.

De acordo com Calegari (2018, p. 30), “o conhecimento sobre o desempenho da escola, órgãos do Estado e da família em face do direito do aluno ao aprendizado é simplesmente indispensável”. Por isso, devemos deixar que a educação significativa não acontece apenas por parte de uma relação entre professor-aluno mas acontece como um conjunto entre escola, professores, alunos, família, sociedade, órgãos de poder e todo o sistema educacional.

Desta forma, é preciso estarmos refletindo sobre a relevância de pensarmos no ambiente escolar, como ele está sendo visto pelos alunos, pais e professores, e quais são seus papéis mediante a educação do aluno. O ambiente escolar precisa do professor assim como do aluno para ser escola, ambos, possuem papel importante em relação ao significado escolar. “A escola é só um prédio feito de concreto e tijolos, fria e sem vida Quem a torna viva são seus dois elementos formadores: professor e aluno” (SILVA; CAMARGO, 2010, p. 68).

Apesar de que o professor e aluno possuam os principais papéis no ambiente escolar, podemos refletir como os pais dos educandos podem ajudar na educação de seus filhos? Os mesmo autores nos dizem que a família pode contribuir com a educação escolar oferecendo a seus filhos e demonstrando interesse por seus trabalhos escolares e pode oferecer um ambiente propício para se concentrarem e poder estudar. Ainda segundo Silva; Camargo (2010), a escola tem sido considerada como um lugar de abrigo para os alunos segundo seus pais, muitos chegam a pensar que é dever da escola o papel de educar e de resolver problemas até mesmo dos familiares do aluno e seu papel como os pais é apenas comprar cadernos e materiais escolares.

Sabendo que a cada um possui um papel mediante a educação do aluno e também enxerga o ambiente escolar de uma maneira, pensamos nisso, como o aluno enxerga o ambiente escolar? Segundo se referem Silva; Camargo (2010), o aluno

enxerga a escola como um lugar de encontros, ver “paqueras” e desfilar com celular novo, porém, a escola é o lugar onde os alunos deveriam construir seus conhecimentos, culturais, morais, autônomos, a criticidade, entender e exercitar a cidadania. “A escola faz parte do espaço geográfico, e como tal reflete as tensões e emoções da complexidade do conjunto de sistemas de objetos e ações que a compõe” (CALLAI, 2011, p. 63). Desta forma, o ambiente escolar é complexo, pois nele está refletido a complexidade das pessoas e de objetos que o compõe e não um lugar de encontros, mas sim, um lugar para se construir o conhecimento, “é essencial que ele, estudante, possa analisar os resultados do seu próprio esforço em aprender e se desenvolver” (CALEGARI; 2018, p. 30). A escola é o lugar onde o aluno pode se analisar.

A escola está inserida em um conjunto de complexidades e sujeitos que, segundo Callai (2011,) é mais que um lugar, podendo ser considerada como um *entrelugar*, pois funciona como um terceiro espaço além do espaço familiar e espaço social. A autora ainda fala que “a escola deve buscar construir caminhos facilitadores para a construção e a valorização do desconhecimento, portanto a dúvida deve fazer parte da proposta pedagógica” (CALLAI, 2011, p. 63). A dúvida incita pensar e refletir, e é no ambiente escolar que o aluno deve aprender a duvidar na busca de se conhecer mais.

Callai (2011) ainda diz que a escola parece existir com o sentido de fazermos ser e sabermos fazer na sociedade onde queremos nos incluir cada vez mais, porém, a escola não serve apenas para sabermos ser mas para fazer da aprendizagem autônoma e assim a formação de alunos mais autônomos, que não sejam apenas influenciados. Contudo, possuam a capacidade de influenciar com suas atitudes, decisões e ideias, pois a escola pode criar um espaço mais adequado a trocas de hábitos e atitudes, e também, além de ser um espaço geográfico a escola “possibilita igualdade, liberdade de expressão, a construção de conhecimento e a valorização do desconhecimento e da fraternidade, numa sociedade em que transparece a ideia de ser cada vez mais injusta” (CALLAI, 2011, p.67).

Ainda referente a escola, cabe à esta, segundo Callai (2009, p. 103), “incluir nos educandos noções sobre direitos e deveres, sobre a ordem estatal e civil e sobre as leis civis e estatais sob as quais está organizada a sociedade” no caso, a escola tem o papel de formar alunos que saibam seus direitos e seus deveres como cidadãos. Já Kaercher (2009, p. 140) questiona “por que a escola tem que ser tão diferente da

vida? Provavelmente, porque esta é bem mais complexa e dinâmica - indutora de incertezas”. Ou seja, o autor enxerga a escola como um ambiente mais complexo do que a vida; já Cavalcanti (2009) mostra que a escola tem um papel importante na formação de pessoas, seu ambiente é característico da formação.

Mas para Castrogiovanni, “a escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a ser as ciências” (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 13). O mesmo autor relata que a escola não dá conta de explicar e interpretar as novas leituras de vida, comparando-as como as ciências e refere-se a escola como aparentemente “homogênea, transparente e sem brilho”. Porém Castellar (2015, p. 37) aborda que “a escola não é homogênea e precisa considerar as diferenças e pluralidades da comunidade, dos referenciais socioculturais e da localização geográfica”.

Como relata Tonini e Kaercher (2017), a geografia não é apenas uma disciplina escolar, mas é considerada como uma prática existencial, a geografia é como um diálogo comigo e com quem está comigo no mundo. Os alunos a todo o momento estão assimilando informações, conhecendo e experimentando seus sentidos, seu universo e sua realidade, assim como o educador, pois a aula é o momento das discussões e das filtragens das bagagens que são levadas cotidianamente, mediante modelagem do conhecimento que o professor carrega e busca um momento segundo Kaercher (2014), da produção de conhecimento, do debate, de estímulo de seres curiosos, enfim de aguçar a imaginação e criatividade.

É na escola que o saber é sistematizado entre a relação professor e aluno e, por isso, é importante que o docente leve em conta os conhecimentos prévios do discente e fazer do ambiente em torno da escola um mecanismo de apoio a aprendizagem para seus alunos, a vivência dos mesmos e as pessoas que convivem com eles fazem parte da construção de suas identidades e para que saibam onde estão inseridos na sociedade como relata bem Callai (2013):

O entorno vivido no lugar onde se insere a escola é importante para oportunizar o aprendizado do aluno [como também] tudo aquilo que diz respeito à vida dos alunos e das pessoas com quem convive; e seu cotidiano. Isso tudo configura a cultura que emerge deste contexto e que permite que as pessoas tenham os elementos para construir sua identidade e pertencimento (CALLAI, 2013, p. 20).

Mas como será que a escola tem sido? Um espaço de construção de saberes? Ou “tem sido um presídio de alunos, um depósito de conteúdos impostos sem muito sentido, um desrespeito aos saberes que os alunos já trazem, um lugar onde as crianças não tem direito a voz” (MOSEÉ, 2013, p. 47). Segundo a autora, a escola deve ser um lugar onde se aprende por meio da ação que incite o gosto por aprender e a alegria de produzir conhecimentos com objetivo de intervir no mundo, que é preciso valorizarmos os conhecimentos que os alunos já possuem e que não é na escola, necessariamente, que os mesmos iram aprender as coisas mais importantes da vida.

Por isso, é preciso pensar no processo de ensino-aprendizagem, pois sabemos que esse processo é contínuo, lento, acontece de forma construtiva. O que vai instigar o aluno é essa construção que o desafiará a pensar, interpretar fatos, resolver problemas, utilizará sua forma de pensar e não apenas baseado no que está escrito. Segundo Scandelai (2010), podemos refletir sobre o papel do professor nessas questões norteadoras, sua didática, metodologia, se ele desperta no aluno a criatividade e o desafia a pensar, a criticar, a ser autônomo.

Segundo Cavalcanti, o papel do professor é contribuir para a formação cultural dos alunos, mas para isso, é preciso que os próprios ampliem seu “universo cultural” estejam atentos aos acontecimentos que lhe acontecem e aos que ocorrem no mundo, vivenciando, assim, no seu tempo, as “práticas sociais”. A mesma autora pontua que

Essa postura é importante para compreender o movimento da realidade local mundial, a fim de entender sua própria prática social e profissional, seu papel de professor na relação com a geração dos alunos. Tal argumento necessita ser reforçado quando se levam em conta as indicações de pesquisas sobre o limitado universo cultural dos professores, o que é um paradoxo, já que sua função é exatamente a de contribuir para a formação cultural dos alunos (CAVALCANTI, 2019, p.19)

Neste caso, é de praxe pensar como o professor pode contribuir para essa formação cultural dos alunos, no qual terá dificuldades quando este vive uma limitação cultural e não consegue entender sua própria prática concernente à sociedade, sua profissão e seu papel de professor. De acordo com Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009, p. 97), o professor, além de dominar os conteúdos, precisa utilizá-los como instrumentos de compreensão do mundo e se sua realidade “à medida que os conteúdos deixam de ser fins em si mesmos e passam a ser meios para a interação com a realidade, fornecem ao aluno os instrumentos para que possa construir uma visão articulada, organizada e crítica do mundo” (PONTUSCHKA; PAGANELLI;

CACETE, 2009, p. 97). Deste modo, o professor consegue trazer ao aluno uma visão crítica e organizada do mundo quando o mesmo consegue fazer uma articulação entre os conteúdos abordados em aula e a realidade do aluno.

É necessário que o docente pense na sua práxis, no papel pedagógico, no que fazer quando não souber o que fazer, pensar no novo, onde a criatividade e o diferente faz a diferença na educação geográfica. Passini nos fala que a aula é como um jogo onde o alvo é uma aprendizagem significativa;

A aula é como um jogo em que os participantes vão trabalhar para atingir uma meta: a aprendizagem significativa, que tanto professores como alunos devem almejar. O professor, como líder, precisa fazer um jogo de sedução e convencimento para que todos se sintam envolvidos e suficientemente comprometidos com o alvo a ser alcançado. O plano conhecido e dedicado com participantes tem, muitas vezes, caráter de uma negociação em relação ao alvo, ao cronograma, à sequência das etapas e às formas de avaliação (PASSINI, 2010, p. 13).

Para essa aprendizagem significativa acontecer, existe toda uma relação e troca de saberes, em que o docente como líder tem o papel de convencer os demais participantes no processo da aprendizagem, para que esses participantes ou seja, os alunos, também tenham o interesse a alcançar a meta desejada. “O espaço escola é social, e torna-lo mais produtivo depende não só dos sujeitos, mas, fundamentalmente, dos sujeitos investigadores, que o observam e analisam suas possibilidades de mudança” (PASSINI, 2010, p. 12). Para tornar a escola um espaço mais produtivo é preciso a união de sujeitos investigadores que observam e analisam as possibilidades de mudança e não apenas de sujeitos que não refletem a respeito dessas mudanças.

Segundo abordam Pontushcka; Paganelli; Cacete (2009, p. 101), na escola básica, o professor trabalha com a preparação do programa de curso, faz planejamentos das aulas, participa da execução do projeto político pedagógico e também participa de projetos didáticos-pedagógicos. Para o docente, “a tomada de consciência do seu papel na escola, a compreensão do papel da escola e do lugar que ela ocupa na sociedade são importantes e contribuem para superar os obstáculos enfrentados no cotidiano e estimular a vida intelectual” (CASTELLAR, 2015, p. 35). É preciso que o docente saiba o seu papel na escola e na sociedade, pois isso lhes trará um estímulo intelectual que por muitas vezes esse estímulo mental é desestimulado em muitos professores ao se depararem com os obstáculos cotidianos.

Como aborda Castellar (2015), o docente deve ter a função de estimular o aluno para que o mesmo tenha a capacidade de exercer atividades em diferentes espaços de aprendizagem, distintos instrumentos didáticos e não seja apenas um telespectador dessa aprendizagem, mas sim alguém que interaja com o saber. Para Cavalcanti, mesmo não sendo possível transformar o mundo através da educação, o professor tem o papel e a responsabilidade de

Defender um projeto de sociedade e atuar, tendo como orientação esse projeto, não como doutrina a impor aos alunos, mas como direção a intencionalidade para suas ações, tendo em vista a transformação da sociedade, rumo a novos caminhos, a novos propósitos. Essa crença guia os professores em suas atividades, pois acredita que a história não é inerte, que o movimento faz parte da realidade e que a configuração da realidade, e nesse caso da realidade da educação brasileira, depende em alguma medida da atuação dos professores e das gerações que eles formam (CAVALCANTI, 2019, p. 38).

Desse modo, a geografia, como ciência, traz contribuições indispensáveis para o ser humano e seu ensino é parte fundamental na formação de alunos e cidadãos. O docente, assim como a escola, possui papéis relevantes na formação do alunado, sendo o professor considerado por nós um dos agentes principais, apesar de que a educação é trabalhada no coletivo, é um conjunto de relações, mediante as transformações culturais e sociais, diante tantos conflitos e espacialidades.

CAPÍTULO 3 – COMPARAÇÃO ENTRE A PRÁTICA DAS 2 ESCOLAS

Com a finalidade de analisamos os desafios da educação geográfica no contexto das escolas campo de pesquisa, além de verificar a importância do programa na formação dos residentes e preceptoras, aplicamos um questionário (ver seção apêndice) composto de 7 (sete) questões relevantes à compreensão e conhecimento dos desafios encontrados pelos mesmos, em suas respectivas escolas sob óticas e vivências destes. No mais, podemos entender a relação dos problemas encontrados em cada escola e sobre como a Geografia escolar, sendo uma só em todos os lugares, está sendo construída envolvendo pessoas e realidades distintas. Existe distinção entre os desafios de cada escola? ou são as mesmas? Veremos essa análise ao decorrer da pesquisa.

Consultem as perguntas: São elas: 1ª) O que você acha do Programa Residência Pedagógica? Como a RP contribui para sua formação?; 2ª) Cite as dificuldades encontradas na sua escola e na sala de aula e como a Residência Pedagógica contribui para melhorias no que envolve o contexto escolar? Quais?; 3ª) Na sua opinião, como professor de Geografia, o que é mais desafiante?; 4ª) Como professor de Geografia e sua profissão, se sente desestimulado?; 5ª) O que você pensa em termos de melhorias para a educação geográfica brasileira? e 6ª) E sob ótica das preceptoras, como os residentes contribuíram junto às turmas? Fale a respeito.

A princípio veremos a análise dos dados referentes à Escola Municipal José Tomás de Aquino, Cuitegi/PB; em seguida, respostas dos residentes do Centro Educacional Osmar de Aquino, Guarabira/PB, mas antes devemos enfatizar que houve recusa de 2 residentes de cada escola ao responderem o questionário, porém, devemos levar em consideração que a pesquisa objetiva a qualidade dos dados e informações e não à quantidade de respostas: no geral, obtivemos sucesso na aplicação, os residentes responderam de forma satisfatória frente as questões.

O dado questionário também foi aplicado às preceptoras, as quais pontuam que o programa é de fundamental importância, pois oportuniza repassar as experiências e práticas reais de uma escola, sala de aula, planos de aula, execução de projetos, registros de aula, notas, frequências, reuniões diversas, enfim, de poder compartilhar as experiências no ensino/aprendizagem de cada turma com suas realidades para

futuros professores que apenas viviam no campo das teorias de seu curso. Para as duas preceptoras,

A RP pôde contribuir de forma significativa para a minha formação continuada nas trocas de métodos, ideias, tecnologias e incentivos por parte de todos os graduandos, que de forma prazerosa executaram suas aulas tão bem e que não fizeram com eu apenas os ensinasse como também aprendesse. Porque, as trocas que vivenciamos como professores são diversas, e com certeza: tanto ensinamos quanto aprendemos (Preceptora de Cuitegi, 2019).

Considero a RP um excelente programa para o desenvolvimento dos futuros professores e para os professores que já estão em sala de aula. A RP contribui para minha formação proporcionando experiências mais práticas a serem desenvolvidas na sala de aula, articulando a teoria e prática propriamente dita (Preceptora de Guarabira, 2019).

Sobre à ótica de uma das preceptoras, as dificuldades de uma escola são, principalmente, recursos metodológicos não acessíveis a todos os alunos. Para Kimura (2008, p. 20) “a existência e o conseqüente acesso à condições de infraestrutura são considerados pelos próprios professores das escolas como um aspecto dotado de importância fundamental para o desenvolvimento de seu trabalho”.

Na sala de aula, as dificuldades principais é a indisciplina: a preceptora fala que “a RP contribui de forma mais dinâmica e lúdica nas aulas tornando o aprendizado mais significativo e prazeroso”. De acordo com Klimek (2010, p. 120), “com os jogos, os alunos utilizam o pensamento lógico, trabalham as ferramentas da inteligência constroem habilidades motoras, domínio de espaço, e, principalmente, são sujeitos ativos, saindo da passividade”. Ao desenvolver da pesquisa, foi possível observar algumas das atividades ministradas pelos residentes e preceptoras.

Para a preceptora de Cuitegi/PB, “como professora de Geografia o desafio é ter que levar o aluno a alcançar os objetivos propostos para cada ano/série correspondente nos documentos oficiais que apresentam uma realidade totalmente diferente da prática vivenciada”, em outras palavras, é preciso atingir cada competência atribuída à disciplina e seguir os currículos o que traz dificuldades, pois, muitas vezes, à realidade da escola em que o contexto dos alunos não condiz com a teoria. Um exemplo é a BNCC, que tenta trazer um norte aos professores a fazerem um currículo adequando porém, a “igualdade” que ela busca atingir nem sempre pode acontecer, pois, por vezes, a realidade dos alunos, bem como seu ponto de fala, não favoreceu sua aplicação prática. Para a preceptora de Guarabira/PB é desafiante, “elaborar estratégias de aulas mais envolventes para alcançar um interação total por

parte do aluno, com os conteúdos desenvolvidos. Romper as correntes que ainda existem na comunidade escolar, em considerar que a geografia é apenas uma disciplina que se decora”. Sabemos que na contemporaneidade esse cenário onde a geografia é considerada uma disciplina de memorização ainda é ocorrente e precisa ser superado.

Algumas vezes uma das docentes sente o desestímulo profissional em situações; apesar disso, a preceptora de Cuitegi/PB afirmou gostar de ser professora, pois segundo ela, “quando gostamos do que fazemos sempre superamos os desafios”. Em termos de melhoria para a educação geográfica, a mesma docente pensa “um novo cenário que envolve a revolução das novas tecnologias de informação e comunicação que ainda são distantes dentro da sala de aula”. Para Sá; Vieira (2010), “o computador, no ensino-aprendizagem, auxilia os professores em suas aulas e serve como complemento na busca de dados para a construção o conhecimento”. O computador é uma das ferramentas de multimídia mais importantes, por isso, “a multimídia pode, então, ser considerada uma ferramenta moderna que busca novas tecnologias para se desenvolver, trazendo de volta ao aluno o prazer da descoberta” (NISHIDA; PUERTA, 2010, p. 130).

A preceptora de Cuitegi/PB ainda aborda que no início da carreira, sentiu muita dificuldade em relação a teoria-prática em sala de aula. Porém, hoje com 17 anos de docência, já se considera segura e preparada para trabalhar com a realidade que enfrenta em cada turma. Podemos observar que um docente mais experiente enfrenta desafios semelhantes aos iniciantes, apesar de alguns com o tempo de profissão terem superados como o caso da tão falada “teoria-prática” onde muitos docentes estagiários e iniciantes sentem-se despreparados.

3.1 Escola Municipal José Tomás de Aquino, Cuitegí/PB

A referida escola está localizada em Cuitegí, município brasileiro do estado da Paraíba, região intermediária de João Pessoa e região imediata e metropolitana de Guarabira com a distância de 88 Km da capital, segundo dados do IBGE (2017). A escola é participante no programa Residência Pedagógica/CAPES, que conta com residentes de Geografia advindos da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. São participantes oito residentes e uma preceptora.

A escola comporta alguns recursos- didáticos metodológicos como: 2 (dois) mapas, 1 (um) datashow, globo terrestre, TV, som, lápis de pintar, tesouras, alguns atlas e livros didáticos. Segundo os residentes, as vezes o Datashow não é utilizado pois outro professor já tem reservado, o que demonstra que os recursos disponíveis não são suficientes. Não se sabe o motivo pela escola não possuir outros recursos. A escola é simples, exemplo disso é a falta de um pátio para os alunos lancharem, falta investimento, pois os recursos são ilimitados, o livro didático não é suficiente para todos de uma turma. Segundo Kimura (2008, p. 20), “políticas públicas, que buscam suprir essas necessidades e realizam investimentos em educação, não podem ser desprezadas, tanto por construir um fator educacional como por representar gastos de recursos públicos”



Imagem 1: Residentes e alunos da escola em Cuitegi/PB
Fonte: Paula Tatiana Pereira Barbosa, 2019.

Para os residentes, o papel do professor e da escola na construção do conhecimento é de suma importância pois o docente é considerado um norteador, sendo o conhecimento uma via de mão dupla. É importante, pois é através da contribuição docente que os alunos irão refletir sobre situações do meio social. O professor e a escola tem o papel fundamental em construir o conhecimento, e não só eles, como os pais que possuem o papel de educar. Estes ainda enxergam o

professor como uma ponte do conhecimento geográfico para atingir uma compressão dos alunos sobre coisas que compõem o espaço global e local.

De 8 (oito) residentes, apenas 6 (seis) responderam o dado questionário. Sobre a 1ª questão, “O que você acha do programa Residência Pedagógica? Como a RP contribui para sua formação?”, os seis residentes abordam que o referido programa contribui de forma relevante para suas formações, trazendo aos mesmos uma relação com a prática no ambiente escolar e contribuindo ao residente um conhecimento mais abrangente da profissão e de seus desafios, o que proporciona, também, novas experiências através do contato com a sala de aula e com as experiências dos preceptores. Vejamos o que um deles fala sobre isso:

O Programa Residência Pedagógica é uma ótima oportunidade para o discente começar a ter prática em sala de aula. Contribuiu de maneira significativa, pois na Universidade o aluno não tem um contato com a prática o que acaba por muitas vezes deixando ele perdido quando vai dá aula pela primeira vez. Através do programa e da experiência, pode ser desconstruídos vários medos em relação a sala de aula e antes de tudo ele contribui para adquirir mais experiência até mesmo pelo fato do docente estar presente em sala, passando assim suas aprendizagens de anos (Residente de Cuitegi, 2019).

Outro residente afirma ser importante, pois fornece uma base para se conhecer e criar novas e aplicáveis metodologias na escola por consequência da experiência de sala de aula. Desta forma, a RP proporciona prática de sala de aula além dos estágios supervisionados da academia. É pensada na formação inicial, pois é onde a maioria dos alunos possui as maiores dificuldades em encarar uma sala de aula nas primeiras vezes e saber dominá-la, selecionar conteúdos, preparar uma aula, construir em si o conhecimento geográfico de forma significativa, pois é na formação inicial onde os medos referentes ao ambiente escolar e ao convívio diário com os alunos sem um professor preceptor de estágios surgem, pois o aluno têm consciência que chegará em um momento em que ele estará sozinho com seus alunos e cabe a ele uma grande responsabilidade: formá-los.

Concernente à 2ª questão, “Cite as dificuldades encontradas na sua escola e na sala de aula, a Residência Pedagógica contribui para melhorias no que envolve o contexto escolar? Quais?”, todas as respostas foram semelhantes, uma vez que 80% dos residentes responderam que a escola enfrenta a escassez de recursos didáticos metodológicos torna-se uma dificuldade na tentativa de proporcionar ao aluno o ensino de determinados conteúdos geográficos. Um dos residentes menciona a

seguinte questão: “a indisciplina escolar é um problema presente na escola e infelizmente o Programa não resolve isso, é algo que o residente precisa aprender a lidar”.

Para outro residente, os problemas também relacionam-se à interpretação cartográfica como também de leituras e falta de interesse dos alunos. Para este conteúdo; “os residentes conseguiram perceber algumas dificuldades presentes no dia a dia escolar e trabalhar de outra forma como, por exemplo, levando materiais diferentes, ajudando na leitura coletiva, conversando com os alunos e tentando estar presentes”. 20% dos residentes falam sobre outra dificuldade relacionada à falta de interesse de alguns alunos, porém, abordam que com a ajuda da RP, ao proporcionar novas metodologias de ensino, houve um interesse maior por parte desses à disciplina de Geografia.

Foram pensadas em atividades como jogos para despertar um interesse maior por parte dos alunos, como jogo da velha, bingo geográfico, apresentações de palitoches, dentre outras atividades. Para Klimek (2008, p. 20), “a função do jogo não se resume na aprendizagem de algum tema ou habilidade inserida nas peças, mas é, acima de tudo, um instrumento auxiliar na socialização e na contribuição do conhecimento moral, pois trabalha com valores com respeito mútuo”, ou seja, além de alcançar um interesse a mais nos alunos, ajudando em sua aprendizagem, os jogos proporcionam o ato da socialização entre os colegas. Vejamos abaixo imagens de algumas atividades ministradas:



Imagem 2: Jogo da velha geográfico
Fonte: Paula Tatiana Pereira Barbosa, 2019.



Imagem 3: Apresentação de palitoches
Fonte: Paula Tatiana Pereira Barbosa, 2019.



Imagem 4: Bingo geográfico

Fonte: Paula Tatiana Pereira Barbosa, 2019.



Imagem 5: Preceptora e residentes

Fonte: Paula Tatiana Pereira Barbosa, 2019.

Portanto, apesar das dificuldades encontradas, que na maioria, estão relacionados aos recursos didáticos-metodológicos, a residência trouxe para esta escola contribuições significativas na resolução de problemas como recursos diferenciados, aumento do interesse dos alunos pelas aulas, incentivo à leituras e demais contribuições à escola com suas participações no contexto escolar. Vale ressaltar que a indisciplina na escola é um problema não resolvido pelo programa, talvez, pelo fato dessa questão ir muito além do que um residente pode resolver.

Os residentes também falam sobre suas dificuldades referente ao ofício da regência, suas falas demonstram particularidades e dificuldades individuais;

1. “Liderar uma turma”
2. “Controlar a turma”
3. “Trabalhar com alunos que tenham certa dificuldade intelectual, sendo difícil a inserção e inclusão dos mesmos”
4. “Dar aula de forma tradicional mas que chamasse a atenção dos alunos. Foi difícil pra mim porque sempre queria inovar em sala de aula, mas quando se deparei com a realidade daquela escola, o único jeito foi se adaptar”
5. “Lidar com a falta de entusiasmo dos discentes”
6. “A maior dificuldade foi o primeiro impacto, os primeiros contatos com a sala de aula. No início da Regência, não fazia ideia de como me comportar com a turma, então as primeiras aulas foram bem difíceis. Depois as coisas ficaram mais simples”

A fala do aluno sobre dar aula tradicional de forma que chamasse a atenção do aluno demonstra que o mesmo se adaptou a realidade da escola, por mais que tentasse

trazer novas metodologias, usar novos recursos, não foi possível aplicar todos os dias, provavelmente sua alternativa foi na maioria das vezes usar o mesmo recurso. Mas não deixa claro qual. Quando um deles fala em controlar a turma, se refere em despertar o interesse, envolver-vos para que não fiquem agitados e atrapalhem a aula.

No que se refere à 3ª pergunta, “Na sua opinião como professor de Geografia, o que é mais desafiante?”. As respostas foram distintas. Nas visões dos residentes sobre os desafios da profissão denota uma certa particularidade sobre suas opiniões ou até mesmo sobre suas próprias experiências. Exemplo disso são suas respostas: Ser professor requer “ganhar a atenção dos alunos, o interesse em estudar” e isso é desafiante, como também, lidar com “o sistema de educação no Brasil”, “trabalhar com alunos que tenham certa dificuldade intelectual, sendo difícil a inserção e inclusão dos mesmos”, “fazer os alunos prestarem atenção no conteúdo e fazer com que eles participem” como também, “aproximar o conteúdo de geografia com a realidade do aluno de uma forma que desperte interesse neles” mostrando ao alunado “o quão interessante é a geografia e como ela é importante na relação do homem com a natureza”.

Concernente à 4ª questão, “Como professor de Geografia e sua profissão, se sente desestimulado? 90% dos residentes sentem-se desestimulados ou sentiram em algum momento de sua vida acadêmica ou profissional, suas falas demonstram suas inquietações com a falta de valorização de suas profissões. Vejamos algumas respostas: para um deles “Existe várias dificuldades que fazem com que desistimos de ser professor”, para outro, ser professor de Geografia é muito desestimulante e, mais ainda, torna-se frustrante chegar na sala de aula e sentir a dificuldade em exercer a profissão onde pontua; “Muito, é frustrante perceber que foram anos de teoria em sala de aula na faculdade e chegar numa sala de aula e perceber muitas dificuldades em exercer a função”. Para outro residente, é desestimulante quando o mesmo sente essa desvalorização no contexto educacional no qual fala: “Sim. Quando vejo comentários negativos a respeito dos professores, a falta de valorização pra educação, entre diversos motivos...”. Outro residente diz: “Um pouco, as vezes, porque vejo que a carga horária do professor limita que ele consiga trabalhar nas turmas de forma inovadora, muitas vezes. Não permite que o professor se dedique as

turmas como deveria”. Um residente firma que, por falta de vagas na profissão, bate esse desânimo.

A quinta questão aborda, “O que você pensa em termos de melhorias para a educação geográfica brasileira?”. 50% dos residentes afirmam a importância de uma melhora nos recursos destinados às escolas para que suas aulas sejam mais práticas. Um dos residentes mencionou a relevância de aulas de campo para que os alunos saiam da rotina e conheçam, de perto, o que a Geografia pode oferecer-los. Já outro residente acredita que “há muitos dos profissionais que se formam, tem domínio de conteúdo mas a didática em ensinar é algo a ser construído, é isso que acredito que há necessidade de melhorias” e “Que um dia ela possa ser prioridade, não só para pais, filhos e professores mas, no contexto político que em nossa atualidade infelizmente tem desvalorizado e negligenciado a nossa educação Brasileira”.

Para os residentes da referida escola, o programa foi uma oportunidade de prática, onde a ajuda da preceptora, com sua experiência, foi essencial. Já é de se esperar que toda e qualquer escola pública enfrente alguns problemas: não seria diferente nesta, cuja realidade educacional brasileira nos faz refletir sobre a estrutura de colégios, da falta de recursos metodológicos, onde existem muitos debates referente ao tema e a estrutura da escola atinge o desenvolvimento das aulas. Ao observarmos as falas dos residentes, percebemos suas inquietações e que, apesar de ser mais difícil o ensino- aprendizagem sem variados recursos, ainda se é possível uma aula satisfatória, prova disso são as dinâmicas e interações postas nas aulas. Houve uma melhora na aprendizagem desses alunos, mas devemos levar em conta que, para eles, ensinar geografia permanece um desafio constante pois o docente precisa lidar com várias atribuições e competências que a disciplina e profissão exigem.

3.1 Escola Centro Educacional Osmar de Aquino, Guarabira/PB

A referida escola está situada em Guarabira, uma cidade brasileira no estado da Paraíba, cuja distância da capital João Pessoa é de 68 Km, está inserida na região imediata de Guarabira e na região geográfica intermediária de João Pessoa, segundo as informações do IBGE (2017). Como a escola é participante do programa Residência Pedagógica/CAPES, conta com uma preceptora e seis residentes no total.

Em relação aos recursos didáticos metodológicos, a escola comporta datashow, que é bastante usado para a exposição de vídeos lúdicos e slides, a escola contou por um bom tempo com o livro didático, porém, no decorrer do ano, não foi mais disponibilizado para que os alunos levassem para casa, restando poucos deles. Já nos meses finais do ano letivo, quase não se teve como trabalhar com o livro em algumas salas pois os que restavam, "sumiram". Pensando nisso, foi usado o quadro para expor os conteúdos de forma com que os alunos pudessem escrever no caderno e ter algo para ler em casa, a escola ainda possui mapas, globo terrestre e algumas maquetes feitas pelos alunos trabalhadas pelos residentes. Porém, são recursos muito limitados, os docentes precisam sempre estar pensando em como trabalhar determinado conteúdo, se vai conseguir a disponibilidade de algum recurso, se a falta destes não prejudicam a aprendizagem do aluno, apesar de saberem que variados recursos não são fatores determinantes para uma aprendizagem significativa, entretanto, são instrumentos importantes para se chegar ao objetivo docente. Para Kimura (2008), vemos, frequentemente, alunos de estágios assustados por terem seus projetos didáticos inviabilizados ou dificultados, por causa da carência de alguns recursos como retroprojeter ou um simples mapa.



Imagem 6: Residentes de Guarabira/PB.
Fonte: Gilmara Silva dos Santos, 2019.

Para os referidos residentes, os papéis da escola e do professor na construção do conhecimento são considerados fundamentais, exercendo um protagonismo junto

ao contexto familiar dos alunos, o docente é tido como um “ser mediador” e formadores de alunos para a vida e “protistas do seu próprio futuro como ser social que interage diretamente com a natureza”, também é visto como “agente de construção em sala de aula e na construção da geografia escolar”. A escola e o professor fazem parte do cotidiano do aluno, os mesmos dedicam boa parte de suas vidas a esse ambiente e, por isso, existe uma relevância destes protagonistas para o desenvolvimento social e cultural do aluno que não pode ser desconsiderada, mas sim deve ser reconhecida.

De 6 alunos participantes, apenas 4 responderam o dado questionário. Concernente à 1ª questão, “O que você acha do programa Residência Pedagógica? Como a RP contribui para sua formação?”. As respostas foram semelhantes, um dos residentes aborda que a RP, “Foi a principal ferramenta com relação a minha formação. Depois da Residência, tudo mudou. O contato com as experiências em sala de aula, com o ambiente escolar em si, construiu uma identidade docente que eu não possuía”. 100% dos residentes enxergam o programa como necessário às suas formações, como agente principal no desenvolvimento de suas práticas e habilidades. Para um deles, o programa foi uma oportunidade de construção de identidade profissional ocorrendo de forma contínua quando aborda que

Tem contribuído continuamente na minha identidade profissional formativa, me permitindo enxergar além da sala de aula da Universidade, é onde podemos vivenciar a importância da educação e formação geográfica na vida de cada aluno, investir é amar, assim defino a oportunidade, educar além de tudo é propagar o amor (Residente de Guarabira, 2019).

Já para outro residente, a RP foi seu despertar para sua formação, mostrando, de fato, o que é ser professor de geografia na prática, fazendo-o pensar para além da sala de aula, mostrando suas dificuldades e, ao mesmo tempo, com a prática, melhorando-a. Desta forma, para estes residentes, o programa traz contribuições excelentes para suas formações e é considerado como uma ferramenta principal, uma oportunidade, um agente construtor de identidade profissional, bem como um despertar para a formação docente.

Sobre a 2ª questão, “Cite as dificuldades encontradas na sua escola e na sala de aula, a Residência Pedagógica contribui para melhorias no que envolve o contexto escolar? Quais?”, dois dos residentes afirmam terem enfrentado problemas relacionados à aprendizagem dos alunos, em que atualmente, não é considerado mais

um problema, onde os residentes contribuíram de forma significativa através de suas dinâmicas, conseguiram fazer com que os alunos aprendessem de forma mais prática. Um dos residentes fala que as dificuldades encontradas relacionam-se à falta de atenção dos alunos nas aulas, mas deixa claro que isso não impede o desenvolvimento das aulas; outro fala sobre a falta de interesse de alguns alunos, porém, o programa ajudou a resolver esse problema com aplicação de metodologias que despertaram o interesse dos alunos, outro residente afirma que a escola não possui muitos problemas.

Desta maneira, apesar da escola possuir alguns problemas, estes não impedem o desenvolvimento dos alunos e, com a prática dos residentes e da preceptora, os problemas surgidos obtiveram soluções. Ao analisar essas falas, percebemos que as metodologias e dinâmicas por eles adotadas juntamente com um planejamento, foram responsáveis pela melhoria. Vejamos algumas dessas dinâmicas e atividades nas imagens abaixo, como o caça as perguntas usado como forma de revisão do conteúdo de cartografia, acrescentamos, ainda, que “os jogos podem ser adaptados para a aplicação de conceitos trabalhados como reforço ou avaliação” (KIMURA, 2008, p. 20), e atividades de confecções, como climogramas, maquetes e cartazes.

Para um melhor aprendizado, foram aplicadas dinâmicas no conteúdo de cartografia, assim como atividades de confecção sobre conteúdos como clima, vegetação, regiões e relevo, onde em sua maioria trabalhados em grupos. Melo (2010, p. 112) fala sobre o trabalho em grupo: “o conhecimento trazido por cada um dos participantes se transforma em outro conhecimento quando há troca de opiniões, exposições de ideias conflitantes formulações críticas”.

As Imagens a baixo mostram algumas das atividades trabalhadas pelos residentes, como, o caça as perguntas como forma de revisão para a prova, onde os alunos demonstraram muita satisfação ao realizarem a dinâmica, no qual afirmaram que “aprenderam brincando”. A construção de maquetes e construção de cartazes também foram atividades que proporcionaram ao aluno o trabalho em grupo e interesse pelo conteúdo. A atividade sobre as regiões do Brasil contribuíram para uma aprendizagem mais considerável do conteúdo, visto que os residentes não almejavam apenas a memorização das divisões das regiões e a atividade sobre o climograma

proporcionou aos alunos um entendimento mais concreto da diferença entre clima e tempo e aspectos mais claros do clima de Guarabira.



Imagem 7: Dinâmica caça as perguntas
Fonte: Gilmara Silva dos Santos, 2019.



Imagem 8: Dinâmica caça as perguntas
Fonte: Gilmara Silva dos Santos, 2019.



Imagem 9: Confecções de climogramas
Fonte: Gilmara Silva dos Santos, 2019.



Imagem 10: Maquetes dos tipos de vegetação
Fonte: Gilmara Silva dos Santos, 2019.



Imagem 11: Atividade das regiões do Brasil
Fonte: Gilmara Silva dos Santos, 2019.



Imagem 12: Cartazes das vegetações do mundo
Fonte: Gilmara Silva dos Santos, 2019.

Para o mesmo autor, trabalhar em grupo permite uma socialização e “construção de qualidades do ser social: responsabilidade, colaboração, participação, respeito à opinião do outro, atenção como ouvinte etc” (MELO, 2010, p. 112). Vale salientar que em relação à regência, os residentes sofrem suas dificuldades particulares: “lidar com as várias competências atribuídas a profissão”, “controle do tempo e da voz (desgaste dela)”, “a regência é um desafio diário, minha dificuldade inicial foi simplificar o conteúdo ao entendimento dos alunos”, “fazer com que os alunos tenham uma aprendizagem significativa”.

Dessa forma, precisamos entender que além das dificuldades que embarcam o corpo estudantil e escolar, existem dificuldades particulares de cada docente, é claro que a docência é uma construção e a prática na sala de aula trouxeram a superação de alguns desses problemas individuais, o programa referido quer tratar justamente isso, um aperfeiçoamento do estágio supervisionado para que, com a prática de sala de aula, os alunos consigam se descobrir, construir suas identidades, descobrirem seus medos, suas limitações e melhorarem suas práticas antes do término do curso.

Sobre a 3ª questão, “Na sua opinião como professor de Geografia, o que é mais desafiante?”, suas respostas denotam, em suas óticas, desafios distintos e particulares, por isso destacamos as seguintes respostas: “ser professor de geografia é desafiante no sentido de ensinar a geografia de forma mais crítica visando não apenas os conteúdos mas, formar cidadãos capazes de pensar sobre o espaço e suas mudanças”, “Desenvolver práticas interdisciplinares nos diversos conteúdos propostos pelo livro ou que sejam inerentes aquela frase”, “Aplicar e trabalhar a geografia “ciência”, no espaço escolar, enquanto disciplina escolar”, “Conhecer cada aluno, desenvolver atividades e selecionar conteúdos que abarquem a realidade destes visando um ensino crítico de seus contextos locais”.

A 4ª questão fala sobre o desestímulo em ser professor de Geografia: 50% dos residentes sentem-se desestimulados pela ausência da valorização de políticas públicas que aperfeiçoem o trabalho docente, já 40% pela desvalorização que terceiros dão a profissão, um destes aborda que essa motivação deve partir de “dentro do professor em atender o chamado a propagação da educação”. Outro residente aborda que já sentiu esse desestímulo algumas vezes diante dos obstáculos postos ao percurso, mas acredita que é preciso seguir adiante.

É pertinente falarmos sobre o desestímulo profissional pois essa situação abarca a maioria dos professores, inclusive os de Geografia. Percebe-se que, em algum momento da vida ou em muitos deles, o docente se sente desestimulado por diversas maneiras mas, na maioria, é ocasionada pela ausência da valorização de políticas públicas e por terceiros. Mesmo diante disso, o desestímulo não os impede de seguir em frente e acredita-se que a motivação parte de dentro do professor: não é sempre, mas o importante é que, apesar dos obstáculos postos ao caminho da construção do conhecimento geográfico e escolar, o docente possui o papel de superar os desafios e constituir-se enquanto agente mediador do conhecimento e agente formador de alunos para a vida.

Em relação à 5ª questão, “O que você pensa em termos de melhorias para a educação geográfica brasileira?”, os residentes esperam “Mais discussões, pesquisas”, “melhores investimentos na educação de base, investimentos na relação escola e família (sem necessariamente ser em valores monetários, mas em tempo atenção e diálogo)”, “Que um dia ela possa ser prioridade, não só para pais, filhos e professores mas, no contexto político que em nossa atualidade infelizmente tem desvalorizado e negligenciado a nossa educação Brasileira”. Para um dos residentes, seria necessário que a sociedade, em sua maioria, enxergasse a relevância da ciência geográfica: sua fala demonstra que, para ele, essa importância não acontece, mas é algo que se espera, quando diz:

Que um dia possa ser vista como importante não só para a massa estudantil, mas para toda à sociedade (incluindo políticos) como uma importante ciência. A geografia brasileira seria melhor se a sociedade não pensasse que esta é uma disciplina fácil, se não à considerassem apenas como “decoreba”, mas que em sua maioria enxergassem uma ciência que nos ajuda a refletir sobre o contexto em que vivemos e que os instigasse à agir de alguma forma à resolução de problemas que nos inquietam, que não seja uma geografia pensada como algo útil no futuro, mas que de fato essa utilidade fosse enxergada no dia das pessoas (Residente de Guarabira, 2019).

Desta forma, é notório que o programa proporcionou aos residentes de ambas escolas uma oportunidade prática para suas formações, onde 100% deles ressaltam a RP como ferramenta principal para suas práticas docentes, as dicas das preceptoras e experiências trocadas por eles dentro da sala de aula, o ajudaram na constante construção de suas identidades profissionais, trazendo também a resolução de problemas, contribuindo para o contexto escolar e para a educação geográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos desafios postos à ciência geográfica e ao professor de geografia ao longo dos tempos, nota-se a relevância de estarmos pensando sobre a construção do conhecimento geográfico no ambiente escolar, levando em conta a importância de uma formação de professores capazes de tornar um ensino-aprendizagem de geografia mais significativo com o incentivo de programas de iniciação à docência e de formação continuada. Mediante os diversos desafios encontrados pelos docentes na educação brasileira focamos o contexto de duas escolas campo de pesquisa participantes da Residência Pedagógica que são constituídas de residentes e preceptoras preponderantes para o desenvolvimento do referido programa, que objetiva um aperfeiçoamento à formação inicial e continuada.

Já é evidente que a Geografia enfrentou diversos processos, dentre os que citamos e os que não foram possíveis mencionar, os quais à marcou tanto como ciência quanto disciplina escolar, onde essas transformações revelam a realidade de cada época nas transformações sociais, espaciais, culturais e educacionais, demonstrando avanços e retrocessos na ciência. Os debates que já ocorreram e que ocorrem na contemporaneidade são constituídos de teóricos influenciados pelas principais correntes de pensamento, o neopositivismo, correntes humanísticas, fenomenologia e materialismo histórico dialético. Essas transformações ao longo do espaço/tempo, trouxeram uma nova ótica à Geografia escolar, um olhar espacial onde o aluno participa das questões sociais.

Na contemporaneidade, no que se refere à geografia como disciplina escolar, se faz necessário pensar sobre uma disciplina que oportuniza aos alunos compreenderem a relação dos conteúdos geográficos com suas vidas e, a partir do processo de ensino, fazer como que compreendam os conteúdos e não apenas os decorem. É preciso que o docente não use apenas a descrição das coisas, do relevo, clima, vegetação, mas mostre como cada componente contribui para a vida humana.

E para uma aprendizagem significativa dos conteúdos, o professor encontra muitos obstáculos em seu percurso: já sabemos e é muito antigo o discurso da falta de investimento na educação, das estruturas escolares e da falta de variados recursos didáticos. Porém, vale lembrar que ainda é um cenário a ser superado, ainda há uma precariedade nesses e demais fatores que influenciam uma aprendizagem considerável. Devemos levar em conta uma formação de professores adequada,

docentes capacitados, preparados e criativos em um mundo informacional, criativo e complexo, onde muitas são as exigências a docência e pouca a valorização profissional.

Segundo abordam Silva; Cruz (2018) a Residência Pedagógica inicialmente surgida com diferentes nomenclaturas, porém criada em 2011 e implantada em 2012), traz um aperfeiçoamento necessário aos nossos estágios supervisionados, onde se faz necessário esse contato com o contexto escolar de forma mais ativa além dos estágios da academia, por isso, devemos enfatizar a importância de programas como esse, pois é a partir da formação inicial que o docente graduando adentra os espaços escolares e, aos poucos, vai construindo sua identidade profissional, como também tem a oportunidade de vivenciar os desafios da disciplina que apresentados na teoria passam a serem vivenciados na prática. É preponderante um investimento maior na formação de professores no que concerne à bolsas, incentivos e permanências de programas de iniciação à docência e formação continuada.

Foi falado em um dos capítulos sobre a BNCC, onde se é enfatizado que a mesma não é acabada e pronta, mas que agora assume o papel de base e estrutura para nossos currículos, currículos, que contam com um conjunto de agentes que fazem a educação, como professores e escola, as quais na nossa ótica, possuem os mais importantes papéis, principalmente o professor, que mesmo com tantos problemas e desafios, ainda assim continua com o mesmo papel, o de formar cidadãos, e no final, o mais importante é a troca do conhecimento entre docente e discente e os conteúdos abordados e construídos de forma significativa.

É importante sim o docente procurar novas formas de dar aula, inovar, ser criativo, mas é bom também pensar que o mais importante de tudo isso é cumprir os objetivos das aulas propostas, ou seja, que mesmo em meio aos desafios, consiga trazer uma aula considerável e uma aprendizagem expressiva da disciplina geográfica.

Ao desenvolver da pesquisa, percebemos o quão é importante o programa para a vida profissional dos residentes, no qual trouxe a estes experiências incríveis relacionadas à prática e vivência no contexto escolar, incluindo a oportunidade de vivenciar os desafios propostos ao longo de suas aulas. O programa possibilita um aperfeiçoamento dos estágios supervisionados trazendo ao aluno estagiário uma oportunidade que muitos na academia não possuem, pois as vagas para programas

como esses são limitadas e os estágios com supervisão são de grande importância para uma licenciatura significativa.

Foi perceptível a diferença entre as escolas campo de pesquisa no que concerne aos desafios enfrentados tanto na ciência geográfica quanto em suas aulas ministradas, mas também foi notória a contribuição destes às escolas e à aprendizagem dos alunos. Suas metodologias, práticas, dinâmicas possibilitaram uma melhor aprendizagem e um interesse maior nos alunos, tornando aulas mais prazerosas. Apesar dos desafios distintos postos ao caminho profissional dos residentes, estes conseguiram, em sua maioria, superar e contribuir à educação básica de nosso país, começando pelo contexto escolar trabalhado por eles, além de contribuir para o ensino básico e para o ensino superior.

Para mim, a pesquisa possui um valor inprecendível à minha formação inicial, assim como o programa mudou minha vida profissional e prática pedagógica, a pesquisa, me mostrou o quanto ainda tenho que melhorar, quanto ainda preciso conhecer sobre a Geografia, seus desafios, sua trajetória em si, assim como me fez entender que os desafios sempre existiram e sempre existirão, onde as escolas trabalhadas pelos residentes enfrentam alguns problemas semelhantes e outros que diferem de cada contexto socioespacial, que em sua maioria são superados, mas outros não dependem apenas dos professores mas sim, de todo um conjunto que tange a educação.

Portanto, a educação brasileira e seu cenário refletem um estágio em que ainda se tem muito ao que melhorar. Em relação a educação geográfica, acredito que muitos dos problemas precisam ser pensados em conjunto, não podem ser resolvidos apenas por um professor, mas que ele, como agente principal, mediador e construtor do conhecimento geográfico, precisa tornar efetiva sua parte nessa contribuição da superação de alguns desses desafios.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela. **Práticas do ensino de geografia e estágio supervisionado**. PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, T.S. (Org.). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ANDRADE, Manuel Correia de. Trajetórias e compromissos da geografia brasileira. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

BOGDAN; R. O, BIKLEN; S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Editora Porto, 1994.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 10 de set de 2019.

CARDOSO, Cristiane; QUEIROZ, Edileusa Dias de. Reflexão Sobre o ensino de geografia- Desafios e perspectivas. A construção do Brasil: Geografia política e democracia, São Luís: **XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**, 2016.

CALLAI, Helena Copetti. **A Formação do profissional de Geografia**: e professor. Coleção Ciências Sociais. Escola, cotidiano e lugar. CAVALCANTI, L. de S. Ijuí: Unijuí, 2013.

CALLAI, Helena Copetti. **Educação Geográfica**: reflexão e prática. Ed. Ijuí: Unijuí, 2011.

CALLAI, Helena Copetti. **Educação geográfica**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. CASTROGIOVANI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. 7. ed. Porto Alegre: Mediações, 2009.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria. Movimentos e oscilações para ensinar Geografia. IN; KAERCHER, Nestor André; COSTELLA, Roselane Zordan (Org.) **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre: Compasso Lugar- cultura, 2013.

CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. In: _____, (Org.). **Estudar o lugar para compreender o mundo**. 7. ed. Porto alegre: Mediações, 2009.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; BATISTA, Bruno Nunes. Aproximação e emergência para uma postura emancipatória no ensino da geografia – bem-vindos à incerteza. Recife: **Revista ensino de geografia** (UFPE), 2018.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Formação profissional: princípios e propostas para uma atuação docente crítica. **O ensino de Geografia na escola**. São Paulo: Papirus, 2009).

CAPES, Fundação. Iniciação da docência. CAPES publica editais do Pibid e do novo Programa de Residência Pedagógica. Brasília: **CCS/CAPES**, 01 Março 2018. *Disponível em:* <<https://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8778-capes-publica-editais-do-pibid-e-do-novo-programa-de-residencia-pedagogica>> Acesso em: 10 de setembro de 2019.

CALEGARI; Cesar. A construção da BNCC. **BNCC na prática**. São Paulo: FTD, 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: _____, CASTRO; Iná Elias de, GOMES; Paulo Cesar da Costa (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. A formação Continuada mediada pelas pesquisas acadêmicas. SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos; ANTUNINES, Charlles da França; SANTANA FILHO, Manoel Martins de (Org.). **Ensino de geografia: produção do espaço e processos formativos**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

CARDOSO, Cristiane; QUEIROZ, Edileusa Dias de. Reflexão sobre o ensino de geografia - Desafios e perspectivas. A construção do Brasil: Geografia política e democracia, São Luís: **XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**, 2016.

KAERCHER, Nestor André. Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. CASTROGIOVANI; Antonio Carlos (Org.). **Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático**. 7. ed. Porto alegre: Mediações, 2009.

KAERCHER, Nestor André; TONINI; Ivaine Maria. Artesania, felicidade, empatia: assuntos não geográficos para o estagiário de geografia construir sua identidade docente. **Revista Geographia Meridionalis**, Pelotas, 2017.

KLIMEK, Rafael Luís Cecato. Como aprender Geografia com a utilização de jogos e situações-problema. PASSINI; Elza Yasuko, PASSINI; Romão, PASSINI; Sandra. T. Malysz (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LEÃO, Vicente de Paula. Os cursos de geografia e as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa (Org.). **Formação, pesquisa e práticas docentes** :reformas curriculares em questão. João Pessoa: Mídia, 2013.

MALYSZ, S.T. Estágio em parceria universidade – educação básica In:_____; PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão (Org.). **Práticas de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MONTENEGRO, Jacicleide Gomes da Silva; SILVA FILHO, Antônio Pereira Cardoso. A geografia escolar na percepção dos alunos de uma escola pública em Campina Grande-PB: algumas contribuições metodológicas para o ensino da geografia. Rio Grande do Norte: **Geotemas**, 2018.

MOSE; Viviane. A escola e os desafios contemporâneos; **A escola e a fragmentação da vida**. Ed, Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2013.

NISHIDA, Paulo Roberto; PUERTA, Lorenal Lucas. Multimídia na escola: formando o cidadão numa “cibersociedade”. PASSINI; Elza Yasuko, PASSINI; Romão, PASSINI; Sandra. T. Malysz (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NOGUEIRA, Valdir; CARNEIRO, Sônia M. Educação geográfica e a consciência espacial cidadã. Itajaí: **Revista Contrapontos**, 2008, p. 85-101, Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/938>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

PASSINI, Elza Yausko. Convite para inventar um novo professor. In: _____; PASSINI, Romão; MALYSZ, S.T.S. (org.). **Práticas do ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PEREIRA; Robson da Silva. Geografia, um pouco de história e conceitos fundamentais. CANO; Márcio Rogério de Oliveira. (Org.) **Geografia**. Coleção a reflexão e a prática no ensino; 7. São Paulo: Blacher, 2013.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. A Geografia como ciência da sociedade. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. A formação docente e o ensino superior. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. A disciplina escolar e os currículos de Geografia. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RODRIGUES, Naina. Desafio é melhorar a qualidade da educação. **Diário do Nordeste**. Redação, 2009. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/desafio-e-melhorar-a-qualidade-da-educacao-1.145257>> Acesso em: 28 de maio de 2019

SANTOS, Maria Francineila Pinheiro dos. O estágio supervisionado na formação de professores de geografia. ALBUQUERQUE, Adailza Martins de; FERREIRA, Abílio de Sousa Ferreira (Org.). **Formação, Pesquisas e práticas docentes**: reformas curriculares em questão. João Pessoa: Mídia, 2013.

SILVA; Ana Cláudia da, CAMARGO; Eliane de. Convite para inventar um novo professor. PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, T. S (Org.). **Práticas do ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SCANDELAI, Natalie Roncaglia. Convite para inventar um novo professor. In:_____, PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, S.T.S. (org.). **Práticas do ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SAIKI, Kim; GODOI, Francisco Bueno. A prática de ensino e o estágio supervisionado. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão, MALYSZ, S.T.S. (Org.). **Práticas do ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Katia Augusta Curado Pinheiro da; CRUZ, Shirleide Pereira. A Residência Pedagógica na formação de professores: história, hegemonia e resistências. Rio Grande/RS: **Momento: diálogos em educação**. 2018, p. 227-247.

SÁ, Medson Gomes; VIEIRA, Carlos Eduardo. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? PASSINI; Elza Yasuko, PASSINI; Romão, PASSINI; Sandra. T. Malysz (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia - Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.

SOUSA, Antônio Campos; BARBOSA, José Raimundo Portela; LINS, Cíntia dos Santos. Os desafios e as dificuldades encontradas na disciplina de Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Dr. Antonio Regis, município de Miguel Alves (PI). 08. ed. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 2003. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/disciplina-de-geografia>> Acesso em: 27 de agosto de 2018.

TONINI, Ivaiane Maria; KAERCHER, Nestor André. **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre: Compasso Lugar-cultura, 2013.

VESENTINI, José William. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. CARLOS; Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ, Medson Gomes. Recursos Didáticos: do quadro negro ao projetor, o que muda? PASSINI; Elza Yasuko, PASSINI; Romão, MALYSZ; Sandra. T. (Org.). **Práticas de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

APÊNDICE



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades Osmar de Aquino
Departamento de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia

Pesquisa nas escolas Centro Educacional Osmar de Aquino, Guarabira/PB e Escola Municipal José Tomás de Aquino, Cuitegí/PB, ambas participantes do programa Residência Pedagógica/CAPES, referente ao trabalho: **DESAFIOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NO CONTEXTO DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**: um estudo comparativo entre escolas parceiras ao Centro de Humanidades – UEPB.

QUESTIONÁRIO AOS RESIDENTES E PRECEPTORAS

1. O que você acha do programa Residência Pedagógica? Como a RP contribui para sua formação?
2. Cite as dificuldades encontradas na sua escola e na sala de aula, a Residência Pedagógica contribui para melhorias no que envolve o contexto escolar?
3. Na sua opinião como professor de Geografia, o que é mais desafiante?
4. Como professor de Geografia e sua profissão, se sente desestimulado? Se afirmativo porquê?
5. O que você pensa em termos de melhorias para a educação geográfica brasileira?
6. Para você, qual o papel do professor e da escola na construção do conhecimento geográfico?
7. Para as preceptoras, como os residentes contribuíram junto às turmas? Fale a respeito.